

37/04  
ABRIL 1984

**A BLANCA**



## A IGREJA DE JESUS CRISTO DOS SANTOS DOS ÚLTIMOS DIAS

### A Primeira Presidência

Spencer W. Kimball  
Marion G. Romney  
Gordon B. Hinckley

### Conselho dos Doze:

Ezra Taft Benson  
Howard W. Hunter  
Thomas S. Monson  
Boyd K. Packer  
Marvin J. Ashton  
Bruce R. McConkie  
L. Tom Perry  
David B. Haight  
James E. Faust  
Neal A. Maxwell

### Comitê de Supervisão:

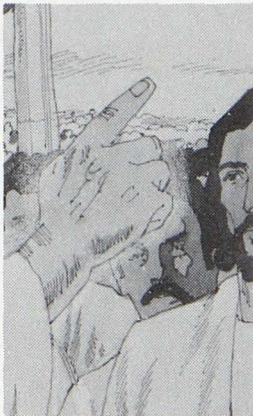
M. Russell Ballard  
Loren C. Dunn  
Rex D. Pinegar  
Charles A. Didier  
George P. Lee

### Executivo do International Magazine:

M. Russell Ballard,  
Editor;  
Larry A. Hiller,  
Editor Gerente;  
David Mitchell,  
Editor Associado;  
Bonnie Saunders,  
Seção Infantil;  
Roger Gylling,  
Desenhista.

### Executivo de A Liahona:

José Maria Carleto,  
Diretor Responsável;  
Paulo Dias Machado,  
Editor;  
Victor Hugo da C. Pires,  
Assinaturas;  
Orlando Albuquerque,  
Supervisor de Produção.



# A LIAHONA

## HISTÓRIAS E DESTAQUES

- “Que Farei Então de Jesus, Chamado Cristo?”**,  
*Presidente Gordon B. Hinckley*..... 1
- Genealogia e Ordenanças do Templo**, *George D. Durrant* ..... 6
- Por Favor, Faça Minhas Ordenanças**, *Terry Lynn Fisher* ..... 10
- “É Isto o que Você Me Daria?”**,  
*Cherry G. Wolf* ..... 12
- Você Pode**, *Elaine Teasdale* ..... 12
- Ao Nosso Amigo, o Membro Recente**, *Élder Loren C. Dunn* ..... 15
- Perguntas & Respostas: Anjos Guardiães**, *Dean Jarman* ..... 22
- Cronologia do Livro de Mórmon**,  
*Stan Larson* ..... 24
- Humildade**, *Frank L. Craven*..... 26
- Ganhar**, *Keith Edwards*..... 28
- Deus Amou o Mundo de Tal Maneira**,  
*Presidente Spencer W. Kimball*..... 32
- “Hoje Andei por Onde Andou Jesus”**, *Presidente Harold B. Lee*..... 36
- SEÇÃO INFANTIL:**
- O Grande Conselho nos Céus**,  
*Histórias das Escrituras*..... 1
- Fofa e o “Show” de Talentos**,  
*Paula DePaolo* ..... 4
- Só Para Divertir** ..... 7

**Na Capa:** *Fazei Isto em Lembrança de Mim*, de Harry Anderson.  
Usado com permissão da Pacific Press Publishing Association.

**REGISTRO:** Está assentado no cadastro da DIVISÃO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS, do D.P.F., sob nº 1151-P209/73 de acordo com as normas em vigor.

**SUBSCRIÇÕES:** Toda a correspondência sobre assinaturas deverá ser endereçada ao **Departamento de Assinaturas, Caixa Postal 26023, São Paulo, SP**. Preço da assinatura anual para o Brasil: **Cr\$ 1.500,00**; para Portugal — Centro de Distribuição Portugal Lisboa, Avenida Almirante Gago Coutinho 93 — 1700 Lisboa. Assinatura Anual Esc. 300; para o exterior, simples: US\$ 5,00; aérea, US\$ 10,00. Preço de exemplar em nossa agência: **Cr\$ 150,00**. As mudanças de endereço devem ser comunicadas indicando-se o antigo e o novo endereço.

**A LIAHONA** — © 1977 pela Corporação do Presidente de A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias. Todos os direitos reservados. Edição Brasileira do “International Magazine” de A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias, acha-se registrada sob o número 93 do Livro B, nº 1, de Matrículas e Oficinas Impressoras de Jornais e Periódicos, conforme o Decreto nº 4857, de 9-11-1930. “International Magazine” é publicado sob outros títulos, também em alemão, chinês, coreano, dinamarquês, espanhol, finlandês, francês, holandês, inglês, italiano, japonês, norueguês, samoano, sueco e tonganês. Composição: H&M Artes Gráficas Ltda. - Av. Paulista, 900 - 6º andar - Fone: 289-7279 - Impressão: Gráfica Editora Lopes - Rua Manoel Carneiro da Silva, 241 - Fone: 276-8222 - Jardim da Saúde - São Paulo - SP. Devido à orientação seguida por esta revista, reservamo-nos o direito de publicar somente os artigos solicitados pela redação. Não obstante, serão bem-vindas as colaborações para apreciação da redação e da equipe internacional do “International Magazine”. Colaborações espontâneas e matérias dos correspondentes estarão sujeitas a adaptações editoriais.

**Redação e Administração:** Av. Prof. Francisco Morato, 2.430 - Telefone (011) 814-2277.

—  
QUE FAREI ENTÃO DE

---

# JESUS, CHAMADO CRISTO?

*Presidente Gordon B. Hinckley  
Segundo Conselheiro na Primeira Presidência*

Nesta época da Páscoa, gostaria de compartilhar alguns pensamentos a respeito daquele cuja ressurreição comemoramos — o Homem de Milagres, o Senhor e Salvador Jesus Cristo. Apesar de haver curado enfermos, levantado mortos, feito o coxo andar e o cego enxergar, não existe milagre comparável ao milagre do próprio Cristo.

Vivemos num mundo de pompa e poder, de vanglória sobre o avião a jato e mísseis de longo alcance, o mesmo tipo de vanglória que produziu a calamidade dos dias de César, Genghis-Khan, Napoleão e Hitler. Nessa espécie de mundo, não é fácil reconhecer que:

Um infante nascido num estábulo da aldeia de Belém;

Um rapaz criado como carpinteiro em Nazaré;

Um cidadão de um país subjugado;

Um homem cujas andanças no mundo mortal jamais ultrapassaram um raio de duzentos e quarenta quilômetros, que nunca recebeu um diploma escolar, jamais falou de um grande púlpito, nunca possuiu uma casa, que viajava a pé e sem alforje.

É de fato o Criador dos céus, da terra e de todas as coisas que neles há.

Tampouco é fácil para muitos reconhecerem:

Que ele é o autor de nossa salvação e o único nome pelo qual devemos ser salvos.

Que trouxe luz e entendimento de

coisas eternas e divinas como nenhum outro jamais havia feito.

Que seus ensinamentos influenciaram não apenas a conduta pessoal de milhões de pessoas, mas também inspiraram sistemas políticos que dignificam e protegem o indivíduo, e verdades sociais que promovem a educação e a cultura.

Que seu exemplo inigualável se tornou o maior poder propulsor da bondade e da paz em todo o mundo.

Insisto em repetir a pergunta feita por Pôncio Pilatos há dois mil anos: “Que farei então de Jesus, chamado Cristo?” (Mateus 27:22.) É uma pergunta que precisamos fazer continuamente a nós mesmos: Que faremos *nós* de Jesus, chamado o Cristo? Que faremos de seus ensinamentos, e como os integraremos inseparavelmente em nossa vida? Gostaria de sugerir algumas coisas que merecem ser consideradas.

*Cristo exemplifica o dar.* O Pai deu seu Filho, e o Filho deu sua vida. Sem dar, não existe genuíno cristianismo, e sem sacrifício não há verdadeira adoração.

Lembro-me de uma experiência ouvida numa conferência de estaca, em Idaho. Uma família de lavradores acabara de contratar a construção de mais um cômodo na casa, acréscimo deveras necessário. Três ou quatro dias depois, o pai procurou o empreiteiro dizendo: “Não se importa se cancelarmos o contrato? Ontem à noite, o bispo conversou com meu filho sobre uma missão. Com isso, teremos de adiar nosso projeto de construção por algum tempo.” O empreiteiro respondeu: “Seu filho vai cumprir missão, e quando voltar, encontrará o quarto pronto.” Eis o verdadeiro espírito cristão — uma família enviando o filho para pregar o evangelho ao mundo, e amigos ajudando a família a

resolver seus problemas. O que, então, faremos de Jesus, chamado o Cristo?

Dar de si; dar de suas posses; dar de todo o coração, mente e força na assistência aos necessitados e na promoção da causa de sua verdade eterna — isto é a própria essência do genuíno espírito do cristianismo.

*Cristo é o Criador.* Quando penso no Salvador, penso nas palavras de João: “No princípio era o Verbo, e o Verbo estava com Deus, e o Verbo era Deus.

“Ele estava no princípio com Deus.

“Todas as coisas foram feitas por ele, e sem ele nada do que foi feito se fez.

“Nele estava a vida, e a vida era a luz dos homens.” (João 1:1-4.)

Este é o criador de tudo que é bom e belo. Contemplando majestosas montanhas erguendo-se contra o céu azul, penso em Jesus, o Criador dos céus e da terra. Observando, de pé nas areias de uma ilha do Pacífico, o súbito e dramático nascer do sol — um radioso globo dourado envolto em nuvens rosadas, brancas e purpúreas — pensei em Jesus, o Verbo pelo qual se fizeram todas as coisas e sem o qual nada se fez. Vendo uma linda criança — olhos brilhantes, inocente, carinhosa e confiante — maravilho-me com o milagre e majestade da criação. O que, então, faremos de Jesus, chamado o Cristo?

Esta terra é criação dele. Quando a tornamos feia, o ofendemos. Nosso corpo é obra do nosso Criador. Quando o contaminamos, estamos ofendendo a quem o criou.

*A vida eterna vem por Cristo.* Tão certo quanto Cristo veio ao mundo, viveu entre os homens, deu a vida e tornou-se as primícias da ressurreição, assim também, através da expiação, todos se tornam participantes da imortalidade. A morte



virá, mas ela foi privada de seu aguilhão, e o inferno de sua vitória. “Eu sou a ressurreição e a vida; quem crê em mim, ainda que esteja morto, viverá.

“E todo aquele que vive, e crê em mim, nunca morrerá.” (João 11:25-26.)

Recordo o dia em que estive junto ao esquife de um jovem, cuja vida fora repleta de esperança e promessas. Havia sido atleta no curso colegial e excelente estudante universitário — um moço simpático, brilhante. Partiu para o campo missionário. Ele e seu companheiro seguiam por uma rodovia, quando um carro, vindo em direção contrária,

desviou-se de sua faixa e os colheu em cheio. Ele morreu uma hora mais tarde, no hospital. De pé no púlpito, encarando seus pais, veio-me à alma uma convicção que raramente sentira com tanta certeza. Sabia, sem sombra de dúvida, olhando para o esquife, que aquele jovem não estava morto; apenas fora transferido para outro campo de trabalho no ministério eterno do Senhor.

Na verdade, o que faremos de Jesus, chamado o Cristo? Vivamos com o conhecimento seguro de que um dia “seremos levados a nos apresentar

perante Deus, sentindo o que sentimos agora, e tendo uma viva lembrança de todas as nossas faltas". (Alma 11:43.) Vivamos hoje, sabendo que viveremos para sempre. Vivamos com a convicção de que "qualquer princípio de inteligência, beleza, verdade e mansuetude que alcançarmos nesta vida, surgirá conosco na ressurreição".

*Cristo exemplifica compaixão, amor e, acima de tudo, perdão.* "Eis o Cordeiro de Deus, que tira o pecado do mundo." (João 1:29.) Quão pobres seríamos, na verdade, sem a influência de seus ensinamentos e seu inigualável exemplo! As lições de oferecer a outra face, andar a segunda milha, a volta do filho pródigo e inúmeros outros ensinamentos incomparáveis que nos chegaram através dos séculos, tornaram-se o catalizador que extrai bondade e misericórdia da insensibilidade do homem.

Onde Cristo é banido, reina a brutalidade. Bondade e clemência governam onde Cristo é aceito, e seguidos os seus ensinamentos.

O que faremos, então, de Jesus, chamado o Cristo? "Ele te declarou, ó homem, o que é bom; e que é o que o Senhor pede de ti, senão que pratiques a justiça, e ames a beneficência, e andes humildemente com o teu Deus?" (Miquéias 6:8.)

"Portanto, digo-vos que vos deveis perdoar uns aos outros; pois aquele que não perdoa o seu irmão as suas ofensas, está em condenação diante do Senhor; pois nele permanece o pecado maior." (D&C 64:9.)

*Cristo dá paz.* Lembro-me de estar na Europa anos atrás, numa época em que tanques rodavam pelas ruas de uma grande cidade, e estudantes estavam sendo chacinados a metralhadora.

Naquele dia, encontrava-me na estação ferroviária de Berna, Suíça. Às onze horas, os sinos de todas as igrejas suíças começaram a badalar e, quando silenciaram, todos os veículos pararam — todo carro nas estradas, cada ônibus e mesmo os trens. A grande estação abobadada ficou totalmente silenciosa. Estendi o olhar para a praça fronteira pela porta principal. Os homens que trabalhavam em cima de andaimes no hotel do outro lado, estavam parados de cabeça descoberta. Todas as bicicletas paradas. Todos os ciclistas, homens, mulheres e crianças, desmontados, mantinham-se de cabeça descoberta, inclinada. Então, após três minutos de oração em silêncio, caminhões, longos comboios deles, puseram-se a caminho de Genebra, Berna, Basileia e Zurique para a nação sofredora do leste, carregados de suprimentos — víveres, roupas, medicamentos. As portas da Suíça foram abertas para os refugiados.

Naquela manhã de dezembro, maravilhei-me com o milagroso contraste entre o poder opressor, metralhando estudantes num país, e o espírito de um povo cristão em outro, que, depois de inclinarem a cabeça em oração e reverência, foram trabalhar para dar socorro e salvação.

O que faremos, então, de Jesus, chamado o Cristo? "Porque tive fome, e destes-me de comer; tive sede e destes-me de beber; era estrangeiro, e hospedastes-me.

"Estava nu e vestistes-me; adoeci, e visitastes-me; estive na prisão e fostes-me ver." (Mateus 25:35-36.)

Jesus Cristo é mais que o símbolo de uma celebração. É o Filho de Deus, o Criador da Terra, o Jeová do Velho Testamento, o cumprimento da lei de

Moisés, o Redentor da humanidade, o Rei dos Reis, o Príncipe da Paz.

Sou grato ao nosso Pai Eterno que a humanidade nestes últimos dias tenha a bênção de conhecer a Cristo com mais certeza e maior entendimento. Regozijo-me com ações de graça, por ele haver reafirmado as verdades inigualáveis do seu evangelho em sua plenitude, e por haver restaurado seu poder sacerdotal e igreja, a fim de preparar um povo para sua vinda em grande glória e poder no início da era milenial.

Regozija-me que, como povo, nós, santos dos últimos dias, saibamos de sua existência e realidade, e recebamos orientação segura dele.

“E agora, depois dos muitos testemunhos que se prestaram dele, este é o testemunho, último de todos, que nós damos dele: Que ele vive!

“Pois vimo-lo, mesmo à direita de Deus, e ouvimos a voz testificando que ele é o Unigênito do Pai—

“Que por ele, por meio dele, e dele são e foram os mundos criados, e os seus habitantes são filhos e filhas gerados para Deus.” (D&C 76:22-24.)

Este é o nosso testemunho para toda a humanidade. É a nossa dádiva e bênção ao mundo. Ele é a nossa alegria e salvação e, compartilhando estas verdades com os outros, daremos sentido maior à nossa vida.

O que faremos de Jesus, chamado o Cristo?

Aprender com ele. Examinar as escrituras, pois são elas que dele testificam. Ponderar o milagre de sua vida e missão. Tentar com um pouco mais de diligência seguir seu exemplo e observar seus ensinamentos.

Seguindo-o, conseguiremos voltar para junto de nosso Pai e gozar a vida eterna.

O que testifico pelo próprio nome de Jesus Cristo. Amém ★

## **IDÉIAS PARA OS MESTRES FAMILIARES**

Alguns Pontos que Merecem Ênfase. Talvez os queira ressaltar em sua mensagem:

1. Precisamos perguntar-nos continuamente: Que devemos fazer de Jesus, chamado o Cristo? O que devemos fazer com seus ensinamentos, e como podemos torná-los uma parte inseparável de nossa vida?
2. Cristo exemplifica o dar. O Pai deu seu Filho, e o Filho deu sua vida. Sem dar, não existe genuíno cristianismo, e sem sacrifício não há verdadeira adoração.
3. Cristo é o Criador. “Todas as coisas foram feitas por ele” — tudo o que é bom e belo.
4. A vida eterna vem por Cristo. Cristo tornou-se as primícias da ressurreição. Por causa dele, todos os homens vivem eternamente.
5. Cristo exemplifica compaixão, amor, perdão e paz.
6. Como povo, nós, santos dos últimos dias, sabemos de sua existência e realidade, e dele recebemos orientação íntima e segura.

### **Sugestões para o debate:**

1. Fale do que sente a respeito do Salvador e do significado de sua vida. Peça aos membros da família que digam o que sentem.
2. A mensagem contém passagens das escrituras ou citações que a família poderia ler em voz alta e debater?
3. O líder do quorum ou bispo tem uma mensagem para o chefe da casa, concernente aos ensinamentos do Salvador?

# GENEALOGIA

---

## &

---

# ORDENANÇAS DO TEMPLO

*Não Se Pode Ter  
uma Coisa Sem a Outra*

*George D. Durrant*

**N**um recente debate com o Élder Royden G. Derrick, do Primeiro Quorum dos Setenta, que serve atualmente como diretor executivo do Departamento Genealógico, perguntei-lhe: “Como o irmão vê a relação entre genealogia e ordenanças do templo?”

Sua resposta: “Não se pode ter uma coisa sem a outra.”

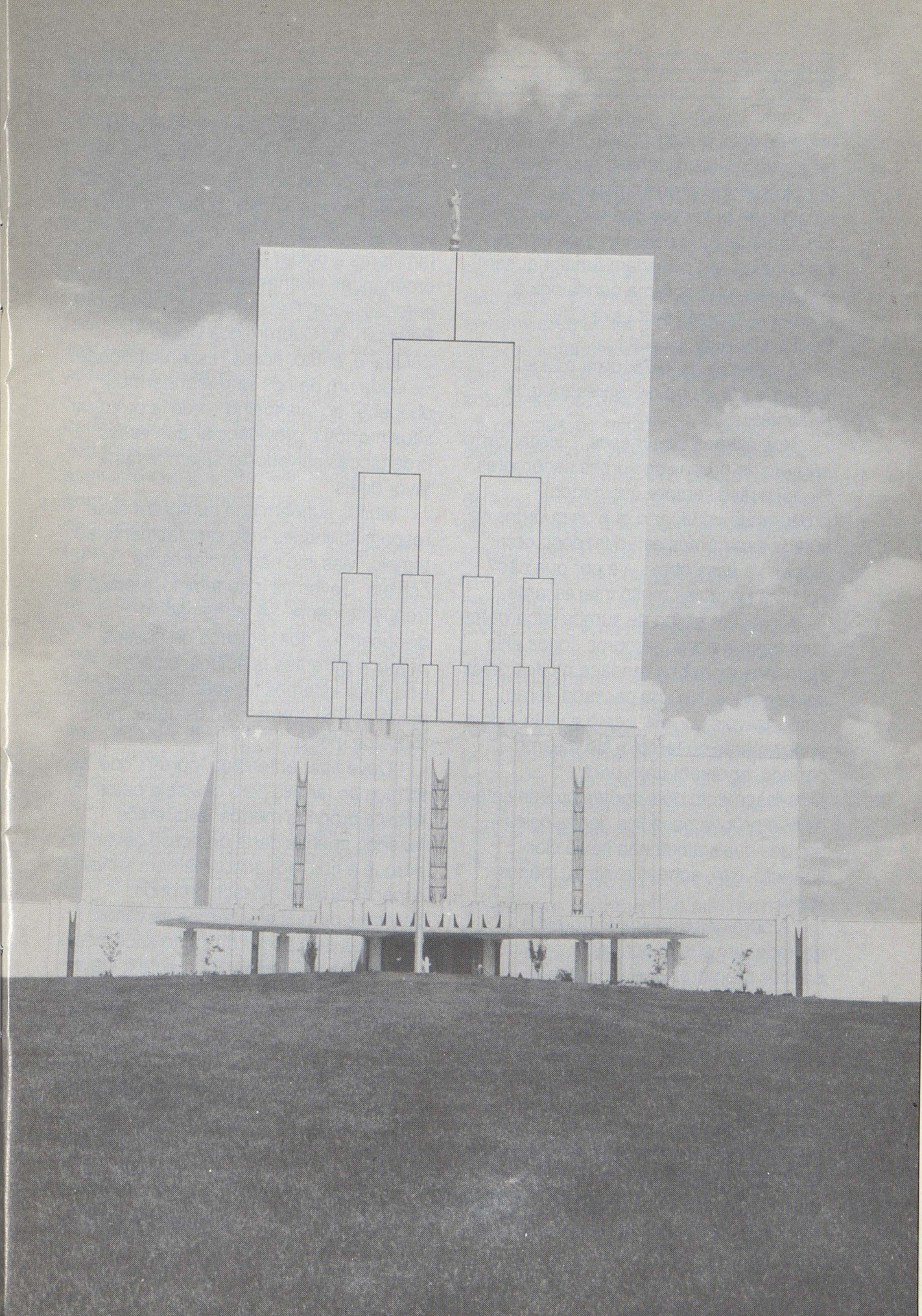
Genealogia e ordenanças do templo — duas partes inseparáveis do decreto divino que nos foi dado pelo Senhor, para colaborarmos na redenção dos mortos. O processo de identificarmos nossos familiares deveria ser muito mais que mero passatempo para o santo dos últimos dias. Do ponto de vista eterno, considerar o termo *genealogia* sem seu parceiro, *ordenanças do templo* — ou pensar nas ordenanças vicárias e ignorar seu gêmeo, a genealogia — não faz mais sentido do que tentar realizar um jogo

com meia bola, apenas.

Algumas pessoas acham que as ordenanças do templo são, por sua própria natureza, a obra mais importante, a parte mais sagrada — a metade superior da bola, poderíamos dizer. Mas a bola, ao rolar, não tem parte superior nem inferior. Tenho ouvido membros da Igreja dizerem: “Adoro ir ao templo e fazer ordenanças sagradas. Mas a genealogia simplesmente não me interessa.” Outros dizem: “Se pudesse, ficaria o tempo todo cuidando de genealogia. É tão interessante, que gostaria de ficar na biblioteca genealógica do momento que abre até me mandarem embora, à noite.” Se todos pensassem da mesma forma, teríamos uma enorme reserva de nomes nos templos ou longas filas de pessoas aguardando nomes inexistentes.

O Élder Boyd K. Packer, do Quorum dos Doze, deixou bem clara a relação

a  
n  
l  
  
s  
o  
  
s  
s



entre os dois, quando disse: “Não podeis ter apreço pelas ordenanças vicárias do templo sem ter grande respeito igualmente pela obra genealógica. Ela é fundamental para o serviço nos templos. Os templos não poderiam funcionar sem o sucesso no programa genealógico.”

(*The Holy Temple*, Salt Lake City: Bookcraft, 1980, p. 224.)

Em outubro de 1975, dizia o Élder Packer a um grupo de representantes regionais:

“Nos últimos dois meses ... visitei certo número de grupos de sumos sacerdotes. Fiquei quase sempre escutando, procurando verificar o que os quoruns de sumos sacerdotes estão fazendo com respeito a essa obra — e por que não? Foi uma pesquisa muito interessante...”

“Visitei um grupo de sumos sacerdotes com trinta e nove membros, todos eles instruídos, com boa renda, e muitos deles aposentados. No ano passado, foram responsáveis por mil, cento e vinte e dois endowments no templo. No mesmo período, apresentaram para processamento dois nomes provenientes de sua própria pesquisa genealógica — um dos quais ainda não havia sido liberado. Isto, acho, é mais ou menos típico.

“A obra genealógica na Igreja é deixada, em sua maior parte, para os poucos membros que têm grande interesse e entusiasmo por ela, e a ela se devotam totalmente.” (*Ibid*)

Algumas pessoas supõem que sempre haverá nomes disponíveis no templo sem nenhum esforço de sua parte — exatamente, como em outros tempos, o maná aparecia todas as manhãs para os israelitas no deserto.

Mas nós devemos trabalhar com nossa família — fornecer nomes de familiares

nossos, para que, quando formos ao templo, possamos fazer ordenanças por nossos próprios antepassados falecidos. Através de seus servos, o Senhor tem convidado cada um de nós e nossos familiares a cuidar de que se realizem ordenanças vicárias por nossos antepassados. Ressalta o Élder Mark E. Petersen, do Quorum dos Doze:

Qual é, então, nossa responsabilidade? — Cada um de nós se pretendermos obedecer ao evangelho — deve procurar seus mortos e providenciar que essas ordenanças salvadoras sejam feitas a favor deles.

“Muitos supõem que cumprem suas responsabilidades indo simplesmente ao templo. Mas isto não é totalmente correto. Devemos ir ao templo, é óbvio, e freqüentemente. Se ainda não dispusermos dos registros de nossos próprios parentes falecidos, então, enquanto estamos fazendo pesquisas, ajudemos os outros com os deles, por todos os meios.

“Deve ficar entendido, porém, que, se formos ao templo sem que seja pelos nossos próprios mortos, estaremos fazendo apenas parte de nosso dever, porque é-nos requerido ir lá para salvar especificamente nossos próprios parentes mortos e selarmos as várias gerações pelo poder do santo sacerdócio.

“Temos de eliminar da mente a idéia de que, indo simplesmente ao templo estamos cumprindo plenamente nossa responsabilidade, pois não é bem assim. Isto só não basta...”

“Deus nos tem como responsáveis pela salvação de nossos próprios parentes — especificamente de nossos próprios.” (“A Mensagem de Elias”, *A Liahona*, agosto de 1976, p. 14.)

Já sentiram ou conseguem imaginar a

emoção de passar pelo templo por seu próprio avô ou avó? Não existe nada tão precioso como as experiências que chamamos de espirituais. E em nenhuma outra área de atividade na Igreja, tais experiências são mais freqüentes do que quando fazemos pesquisa genealógica para identificar nossos antepassados falecidos e vamos ao templo como seus representantes. Falando dessas coisas, observou o Élder Packer:

“Os membros da Igreja não podem dedicar-se a essa obra, sem serem afetados espiritualmente por ela. O espírito de Elias a permeia. Muitos dos aborrecimentos triviais da vida, as pequenas dificuldades e problemas banais que nos apoquentam, assumem sua devida proporção, quando vistos à luz de gerações e gerações ligadas para as eternidades. Então nos tornamos muito mais pacientes. Assim, se desejais vossa vida envolta pela influência de dignidade, sabedoria, inspiração e espiritualidade, dedicai-vos à obra genealógica e ordenanças do templo.” (*The Holy Temple*, pp. 224-25.)

Existe algo de especial na experiência das ordenanças vicárias, quando feitas por alguém cujo nome nós e nossa família pesquisamos, preparamos e enviamos ao templo.

Tenho ouvido membros dizerem: “Mas os nomes de nossos parentes estão todos feitos.” Tudo bem, se estivermos falando isso apenas de brincadeira. A respeito disso, declarou o Élder W. Grant Bangerter, do Primeiro Quorum dos Setenta: “*Nossa genealogia não está completa*. Meus avós realizaram “toda” a obra do templo pelos parentes falecidos cinquenta anos atrás. Desde então, nossa família descobriu outros dezesseis mil.” (“Para que Servem os Templos”, A

*Liahona*, julho de 1982, p.116.)

Os recém-conversos ou membros da Igreja que, por algum motivo, negligenciaram sua genealogia, têm uma fascinante oportunidade. O campo está realmente branco e pronto para a ceifa. Se cada uma das aproximadamente cinquenta mil famílias que se batizam por ano enviasse ao templo apenas os nomes de seus antepassados de quatro gerações, e os filhos falecidos desses antepassados, três milhões e quinhentas mil pessoas, no mínimo, receberiam essas sagradas ordenanças anualmente.

Tenham no coração o desejo de cuidar de seus entes queridos. Há muito que fazer na Igreja. A genealogia não pode tomar o tempo todo, como também as outras coisas não devem excluir a genealogia. Um bem organizado programa de empenho pessoal e familiar pode tornar a família sem diligência extraordinária normalmente auto-suficiente no fornecimento de nomes e realização de ordenanças pelos antepassados falecidos. E, naturalmente, todos nós devemos andar a segunda milha, freqüentando o templo para realizar ordenanças vicárias por outras pessoas.

Como diz o Élder Derrick, genealogia e ordenanças do templo andam realmente de mãos dadas. Existem grandes bênçãos em saber-se que não é possível ter uma sem a outra. Com ambas, podemos encher nossa alma inteira com a alegria de participar da gloriosa obra da redenção dos mortos. ★

*George D. Durrant, pai de oito filhos e diretor da Divisão de Genealogia do Sacerdócio da Igreja, é bispo da Ala Mount Olympus III, Cidade do Lago Salgado.*

—

# POR FAVOR,

— FAÇA MINHAS —

# ORDENANÇAS

—

*Terry Lynn Fisher*

Quando meu marido e eu estávamos casados havia menos de um mês, ele foi convocado para o serviço militar. Como não me era permitido acompanhá-lo, fiquei trabalhando em Provo, Utah, durante os seis meses que esteve fora. Não era exatamente minha idéia de vida de casada — meu marido a quase dois mil quilômetros de distância, sem poder sequer visitar-me de vez em quando. Eu era uma recém-casada muito infeliz.

Certa noite, nessa época, fui despertada de um sono profundo por uma voz. Atentando para o que ela dizia, percebi que era meu trisavô falando comigo. Fiquei estática por um momento, ouvindo e pensando. Meu trisavô pedia-me que sua família fosse selada a ele, que vivera nos Estados Unidos em meados do século passado. Por causa da Guerra de Secessão

Americana e a difícil situação econômica anterior a guerra, meu trisavô George Wilkie viveu muito tempo longe de sua querida esposa e quatro filhos. E acabou morrendo em defesa de seu país, na Guerra de Secessão.

Eu lera cópias da correspondência entre George Wilkie e sua família durante suas muitas ausências. Lera também seus diários. Essas cartas e diários refletiam o amor que tinham uns para com os outros, como também seu desejo de viverem juntos.

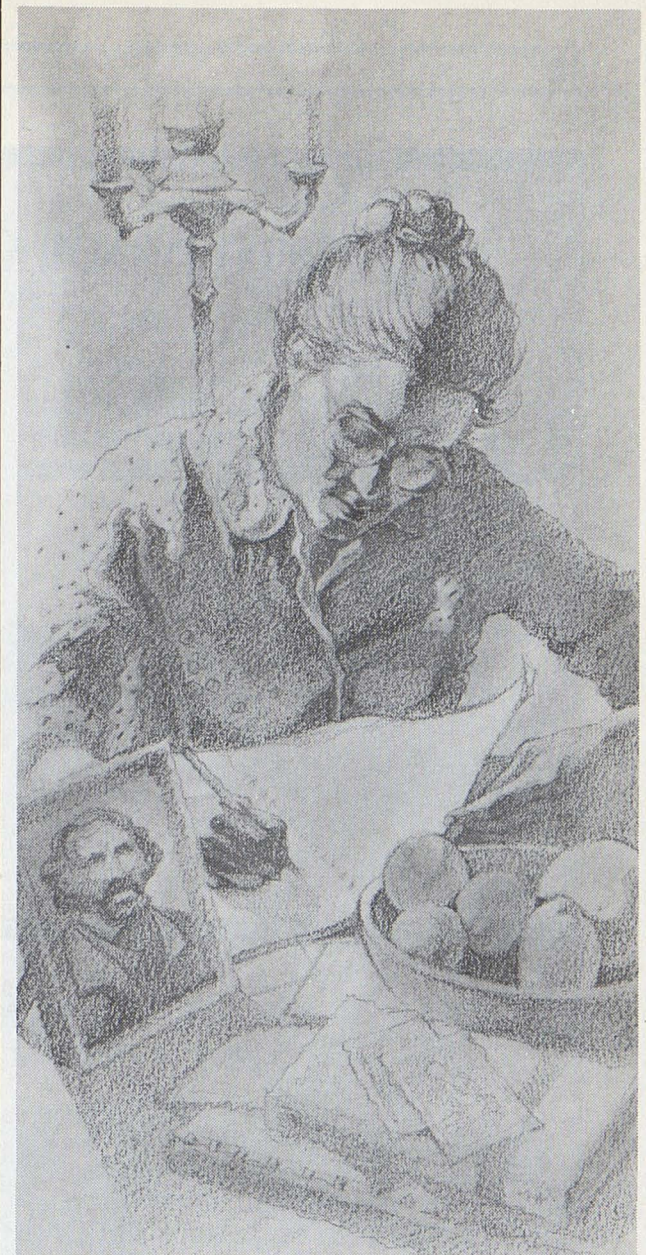
Meus antepassados não eram SUD, não dispunham das bênçãos do evangelho. Agora, no meio da noite, ali estava meu trisavô Wilkie, dizendo-me: "Terry, por favor, faça com que minha família seja selada a mim! Quero estar com eles por toda a eternidade. *Por favor*, cuide que sejam feitas nossas ordenanças do templo! Você está longe

do seu marido — imagine isso pela eternidade. É terrível! Quero ser selado a minha esposa.” Aí, tão subitamente como aparecera, a voz se foi. A princípio, pensei que estivera imaginando coisas, e fiquei deitada pensando em meus trisavós. Decidi cuidar da genealogia deles, assim que tivesse tempo. Quando ia caindo novamente no sono, assustei-me com o retorno da voz, pedindo-me praticamente o mesmo, só que desta vez insistindo em que fosse *logo*. Resolvi que começaria no dia seguinte. Aparentemente, porém, meu avô sabia que, no dia seguinte, era provável que alguma coisa me atrapalharia, pois falou-me pela terceira vez, e que fizesse alguma coisa AGORA!

Quase não conseguia acreditar no que estava acontecendo; mesmo assim, levantei-me no meio da noite e pus-me a trabalhar na genealogia. Examinando papéis e registros avulsos, encontrei os dados necessários para começar. Então escrevi algumas cartas, solicitando certidões de nascimento, casamento e atestados de óbito. Tendo feito tudo o que podia no momento, voltei para a cama.

Nos seis meses que meu marido esteve longe de mim, trabalhei bastante na genealogia. Finalmente pude ir ao templo com meu primo, para que meus trisavós fossem selados. Testifico que senti a presença deles ali no templo, e soube, afinal, que eles podiam ser realmente felizes juntos, pela eternidade.

Nos quatro anos seguintes, meu marido teve de ausentar-se de casa a maior parte do tempo. Muitas vezes encontrei consolo e forças lendo os diários de meus trisavós. Saber que eles haviam passado por situação semelhante,



de algum modo ajudou-me a colocar minha vida na devida perspectiva. Achei-me muito perto deles e, apesar de nunca os haver visto, sentia que os conhecia. O exemplo que meus trisavós me deram inconscientemente tem-me sido e continua sendo inspirador. ★

*Terry L. Fisher, mãe de três filhos, é conselheira na presidência da Primária da ala BYU 102, além de cursar a Universidade Brigham Young.*

## “É ISTO O QUE VOCÊ ME DARIA?”

*Cherry G. Wolf*

**U**m dia, minha mãe, Linnie P. Gold, contou-me uma experiência sua que, desde aí, vem influenciando minha vida.

Disse que, depois da II Guerra Mundial, pediu-se aos membros da Igreja que doassem roupas para os necessitados na Alemanha. Por isso, mamãe estava juntando de gavetas e armários peças fora de uso, porém boas demais para serem jogadas fora. De repente, ouviu uma voz, dizendo: “É isto o que você me daria?”

“Oh, não!” exclamou, e se pôs a

arrecadar as melhores roupas pela casa. Como editora do boletim da ala que seria impresso no dia seguinte, redigiu um poético apelo por mais doações. Profundamente tocados por esse apelo, os leitores corresponderam com liberalidade.

Agora sei por que mamãe é tão generosa no dar e está sempre pronta a fazer coisas pelos outros. *Ela dá ao Senhor.* ★

*A Irmã Cherry G. Wolf vive em Hillsboro, Oregon.*

## VOCÊ PODE

*Elaine Teasdale*

**A**nos depois de terminada a II Guerra Mundial, nossa família (formada por meu marido, dois garotos de quatro e dois anos e eu) mudou-se para Spanish Fork, Utah. Estávamos ali instalados uns seis meses, quando solicitaram que me encarregasse do Berçário da Primária.

Eu era então extremamente tímida.

Embora fosse membro de A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias a vida inteira, jamais tivera um cargo na Igreja. Por isso, conversei com a presidente da Primária (Rebecca Christensen), com quem me dava bastante. “Não posso ensinar na Primária”, disse-lhe. “Nunca dei uma aula, sequer.”

A Presidente da Primária sabia que eu era tímida, mas também que adorava crianças. Externando-me seu afeto, disse que sabia que eu gostaria muito

do trabalho, desde que lhe desse uma oportunidade. Recusei a oferta. Levantando-se da cadeira para sair, ela simplesmente disse que esperava que eu me encarregasse do referido grupo de crianças na próxima reunião da Primária.

Só depois de ela partir, é que vi o livro de lições que deixara na cadeira. Achei que devia devolvê-lo, mas, mesmo assim, abri-o e li as lindas lições. Todos os dias dizia a mim mesma que iria devolvê-lo. E a cada dia que passava, ficava mais difícil imaginar o que dizer à presidente. Logo chegou o dia da reunião da Primária. Sabia que tinha de dar a aula ou encontrar alguém que o fizesse. Então estudei a lição e me preparei, dizendo a mim mesma: “Vou dar a aula só desta vez.”

Cuidei da classe durante três anos. Depois, fui professora de outra classe



da Primária por mais cinco. Quando nossa ala foi dividida, fui chamada para servir na presidência da Primária.

No decorrer dos anos, ocupei os mais diversos cargos: líder da classe das Abelhinhas, presidente das Moças, conselheira e depois presidente da Sociedade de Socorro de nossa ala, e secretária da Sociedade de Socorro da estaca. Esses chamados contribuíram

para tornar-me uma pessoa mais realizada e feliz, pois ajudaram-me a vencer minha timidez e aprender a amar meu próximo. E tudo isso porque uma querida líder confiou em mim, mostrou-me que realmente se importava comigo e não aceitou meu "não". ★

*A Irmã Elaine Teasdale continua residindo em Spanish Fork, Utah.*



—

# AO NOSSO AMIGO,

— O —

# MEMBRO

— RECENTE —

*Élder Loren C. Dunn*  
*do Primeiro Quorum dos Setenta*

**G**ostaria de dirigir minhas palavras a um grupo especial de pessoas — aos recém-conversos ou os que estão para filiar-se à Igreja.

Nós lhes damos as boas-vindas, amigos, em A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias. Como Paulo, dizemos: “Já não sois estrangeiros, nem forasteiros, mas concidadãos dos santos e da família de Deus... (da qual) Jesus Cristo é a principal pedra da esquina.” (Efésios 2:19, 20.)

O próprio fato de terem sentido o Espírito e aceito a doutrina de Cristo torna-os pessoas especiais. Pois disse o Senhor, pessoalmente: “Meus eleitos ouvem a minha voz e não endurecem os seus corações.” (D&C 29:7.)

Nos tempos do Velho Testamento, os eleitos de Deus viviam juntos no mesmo

país; tinham seus profetas, ouviam a palavra do Senhor que os guiava, e passaram a ser chamados de Casa de Israel. No entanto, com o decorrer do tempo, muitos deles acabaram esquecendo-se de Deus e, por causa da iniquidade, foram em diversas épocas dispersos entre os povos da terra.

O Senhor, porém, prometeu também que nos últimos dias se lembraria de sua “Israel dispersa” e a traria para casa.

“E eu mesmo recolherei o resto das minhas ovelhas, de todas as terras para onde as tiver afugentado, e as farei voltar aos seus apriscos; e frutificarão e se multiplicarão. E levantarei sobre elas pastores que as apascentem, e nunca mais temerão, nem se assombrarão, e nem uma delas faltará, diz o Senhor.” (Jeremias 23:3-4.)

Esta profecia fala de vocês e seu ingresso na Igreja de Jesus Cristo. Vocês são os eleitos que ouviram a voz do “Bom Pastor”.

Vejam o que aconteceu a vocês, os membros recentes, e o que os espera na Igreja.

Em primeiro e supremo lugar, tudo o que lhes aconteceu no ingresso na Igreja centralizou-se em Cristo. Vocês, certamente, sentem uma ligação toda especial com os primeiros nefitas, que disseram: “Falamos de Cristo, nos regozijamos em Cristo, pregamos a Cristo, profetizamos de Cristo... para que nossos filhos saibam em que fonte devem procurar o perdão de seus pecados.” (2 Néfi 25:26.)

Desde o começo, foram aconselhados a se prepararem para o batismo por imersão para a remissão dos pecados. Este batismo marcou a aceitação formal do Evangelho de Jesus Cristo, com seus convênios e mandamentos.

Vocês usufruem igualmente o conhecimento e certeza de que seu batismo é válido, pois quem o fez foi “chamado por Deus... por quem (possui) autoridade”. (5.<sup>a</sup> Regra de Fé.) A pessoa não se chamou a si própria, mas foi chamada por Deus.

Além disso, preencheram os requisitos estabelecidos pela Primeira Presidência para o ingresso na Igreja.

Após o batismo, receberam o dom supremo de nosso Pai Celeste, que lhes foi conferido pela pessoa certa da maneira certa — o dom do Espírito Santo, também chamado de Consolador e Espírito de Verdade. Ao lhes ensinarem as doutrinas da Igreja do Senhor, os missionários os certificaram dessa influência sagrada e santificante.

Lembrem-se de que os missionários,

quando lhes expunham ensinamentos e mandamentos específicos, os exortaram a orar ao Senhor, para que obtivessem confirmação pessoal de que aquelas coisas eram verdadeiras. Até mesmo lhes mostraram, pela revelação moderna, como o Senhor lhes responderia.

“Eis que... debes ponderar em tua mente; depois me debes perguntar se é correto.” (D&C 9:8.)

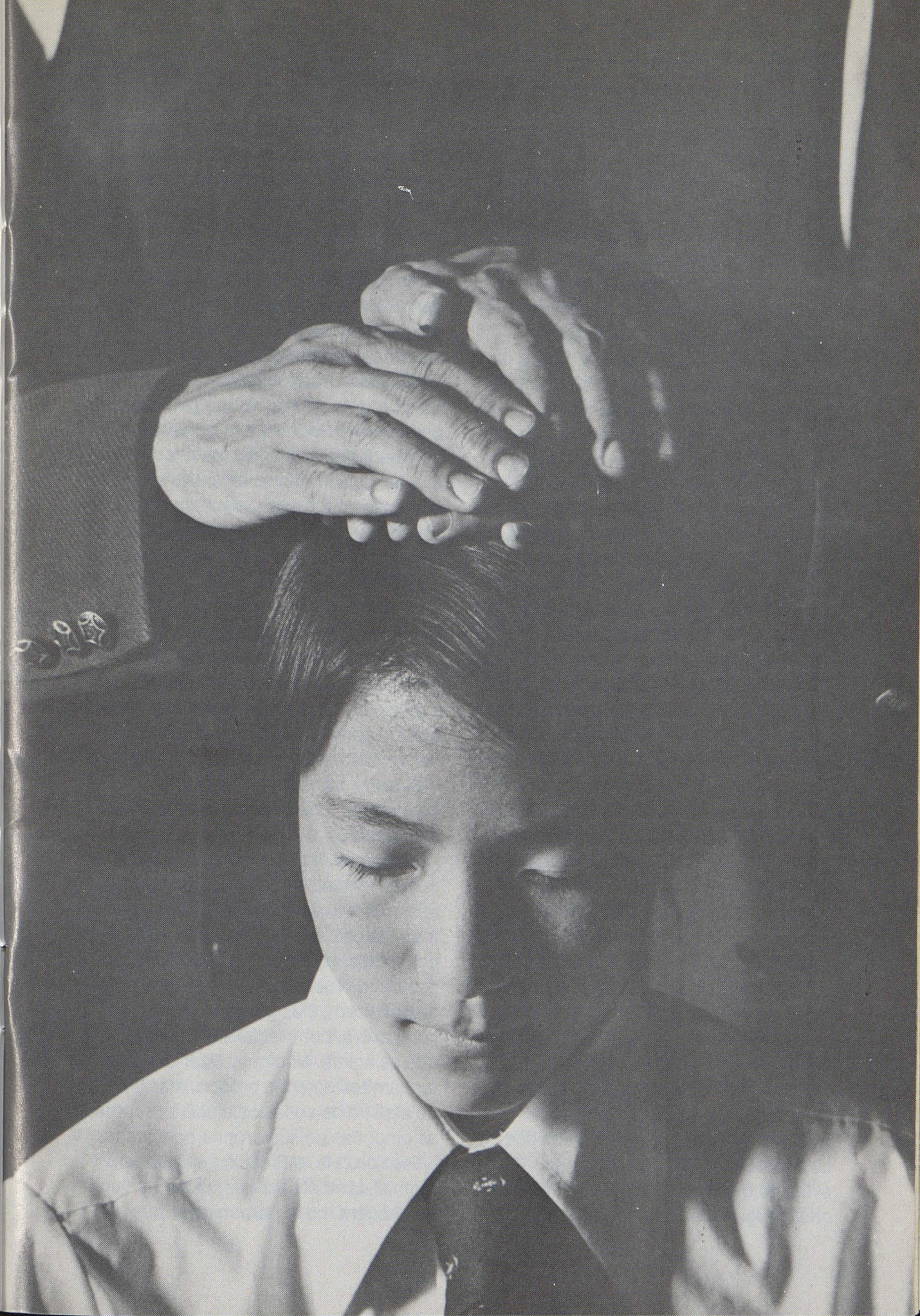
“Sim, eis que eu falarei a tua mente e ao teu coração, pelo Espírito Santo, que virá sobre ti e habitará em teu coração.” (D&C 8:2.)

“Hás de sentir assim, que é certo.” (D&C 9:8.)

Ao lhe perguntarem como a pessoa sabe que está convertida, o Presidente Marion G. Romney, que na época era membro do Quorum dos Doze, respondeu: “Ela pode ter certeza disso, ao sentir a alma curada pelo poder do Santo Espírito. Quando isto acontece, ela irá perceber, pois sentir-se-á como o povo de Benjamim, quando recebeu a remissão dos pecados. Diz a escritura: ‘...sobre eles desceu o Espírito do Senhor e os encheu de alegria, tendo recebido a remissão de seus pecados, e tendo paz de consciência...’ (Mosiah 4:3.)” (Conference Report, outubro de 1963, p. 25.)

Após o batismo, o recebimento do dom do Espírito Santo trouxe algo a mais para sua vida. Com o calor e paz do Espírito, veio mais paciência, mais compreensão, mais confiança, a capacidade de fazer coisas antes inimagináveis, melhor apreço pelo próprio valor, maior empatia pelas pessoas que os cercam, mais sensibilidade para com os princípios do evangelho e entendimento das escrituras.

O que devem esperar? Bem, passado o devido tempo, estarão ansiosos de ir ao



templo. Um dos propósitos do templo é tornar o casamento eterno, isto é, marido e mulher casados por autoridade civil ou ministro "até que a morte os separe", podem ser selados para o tempo e toda a eternidade nos templos da Igreja.

O propósito final do plano de Deus para o homem é prover um meio de todos os seus filhos poderem voltar a sua presença, que é a vida eterna. Todos os que aceitam Jesus como o Cristo e estão dispostos a obedecerem aos mandamentos do seu evangelho, encontram-se no caminho para a vida eterna. Outro requisito para se ter vida eterna é o casamento eterno. Quando no templo é celebrado um casamento ou selamento, isto significa que a família pode tornar-se igualmente eterna ou, em outras palavras, viver com Deus na família dele. Esse plano divino é tão perfeito, que o Salvador promete ainda aos que, apesar de viverem o evangelho, não têm oportunidade de casar-se, que não perderão nenhuma bênção.

Uma bênção prática do casamento no templo é que estarão ingressando num grupo muito exclusivo no mundo de hoje. Dizem os sociólogos que, na sociedade atual, um de cada três casamentos malogra. Quanto aos casamentos celebrados no templo, o índice de sucesso ultrapassa os noventa por cento. As bênções do Evangelho de Jesus Cristo incluem um casamento mais feliz nesta vida para os que se firmam na Igreja, bem como a promessa de a família continuar junta na eternidade.

Como membros recentes, vocês agora fazem parte de uma ala ou ramo. Reúnem-se com outros membros que, como vocês, estão crescendo no evangelho e procurando levar uma vida cristã. Alguns são membros há muitos

anos. A maioria se esforça para dar o melhor de si e progredir a cada dia que passa. Ainda assim, acontecem dias maus, e ocasionalmente alguém poderá magoá-los, em geral involuntariamente. Se quiserem ajudar esse seu irmão, sejam pacientes e não se ofendam, dando-lhe, assim, tempo para superar essa sua dificuldade. Tais experiências são raras, mas podem acontecer.

À medida que forem conhecendo melhor os membros de sua unidade, provavelmente gostarão de todos eles, mas sentirão uma afinidade maior por alguns, devido, provavelmente, a interesses e formação semelhantes. Os membros nos quais há de querer ter mais confiança incluirão o bispo ou presidente do ramo e seus mestres familiares. Para as irmãs, a presidente da Sociedade de Socorro e professoras visitantes serão de grande ajuda. A juventude, igualmente, terá líderes especiais. A maior demonstração de amor e apreço que os membros podem dar é visitar-se mutuamente na qualidade de mestre familiar ou professora visitante. Se ainda não receberam tal designação, logo a terão.

Enquanto são novos e um tanto inexperientes, lembrem-se de que ainda assim estão dando uma contribuição maravilhosa. Sua vitalidade e "sangue novo" dão mais vida à ala. Embora nem sempre os membros mais antigos o demonstrem, eles gostam da sua companhia, por irradiarem um espírito que os anima. Não quer dizer que não tenham testemunho próprio, mas o verdor do espírito de vocês os ajuda a recordar as emoções de sua própria conversão. Nosso profeta, o Presidente Spencer W. Kimball, também diz que vocês contribuem muito para manter a

vitalidade e vigor da Igreja.

Vocês, os membros recém-conversos, enfrentarão desafios especiais que os ajudarão a crescer. Seu testemunho, por mais forte que seja, é igualmente frágil. Precisa ser nutrido para poder crescer, tornando-se tão forte, que jamais possa vacilar. Essa nutrição é fornecida pelas orações sinceras, comparecimento regular às reuniões da Igreja, pagamento do dízimo, santificação do dia do Senhor, leitura das escrituras, enfim, atenção a todos os mandamentos. Desta maneira, a influência santificadora do Santo Espírito estará sempre com vocês.

Finalmente, talvez sintam, devido a sua conversão recente, que estão atrasados em relação aos que são membros da Igreja há mais tempo. Embora tenham muito que aprender, em outro sentido o Senhor há de recompensá-los e beneficiá-los com as mesmas bênçãos usufruídas pelas pessoas que estão na Igreja a vida inteira.

Jesus nos ensina esta lição na parábola dos trabalhadores contratados pelo dono da vinha. Depois de contratar os primeiros pela manhã, viu outros desocupados e convidou-os igualmente a trabalharem em sua vinha. Depois, fez o mesmo na hora sexta e na hora nona, e até mesmo na undécima. No fim da jornada de trabalho, pagou o mesmo salário a todos, embora não tivessem trabalhado o mesmo número de horas.

Quando alguns reclamaram, ele disse:

“Amigo, não te faço agravo; não ajustaste comigo um dinheiro?”

“Toma o que é teu, e retira-te; eu quero dar a este derradeiro tanto como a ti.

“Ou não me é lícito fazer o que quiser do que é meu?” (Mateus 20:13-15.)

Um dos significados dessa excelente

---

*Com o calor e paz do Espírito,  
veio mais paciência, mais  
compreensão, mais confiança.*

---

parábola é que o Senhor oferece as mesmas promessas de salvação e exaltação a todos os filhos seus que tiverem conhecimento da verdade, desde que sejam fiéis. Reparem que não se trata do arrependimento na hora da morte. A parábola mostra que receberam pagamento igual todos os que atenderam ao chamado do dono da vinha e puseram-se a trabalhar sem demora, independente de quando o ouviram. Nenhuma promessa é feita à pessoa que ouviu o chamado, cedo ou tarde, mas não atendeu.

Esta parábola mostra também que o Senhor pode chamar e realmente chama tanto membros novos como antigos para cargos de responsabilidade no reino. Cada um possui certas qualidades e potencial, e será chamado por revelação de Deus para ocupar posições para as quais estiver melhor qualificado. Às vezes, isto acontece sem qualquer consideração para o tempo de filiação à Igreja.

O mesmo acontece com vocês, hoje, ao aprenderem e crescerem em sua condição de membro. Vocês verão que são capazes de fazer coisas que jamais julgaram possíveis, e tudo por causa do

dom do Espírito. Isto, aliado à orientação de seus líderes eclesiásticos e ensinamentos das escrituras, provar-se-á uma grande bênção para vocês.

Uma grande fonte de força para vocês serão os membros mais antigos. Todos os membros da Igreja são admoestados pelo Senhor a ampararem e fortalecerem seus novos irmãos no Evangelho de Cristo. Na fraternidade de Deus, o Senhor "não faz acepção de pessoas" (Atos 10:34) e espera que todos sigam seu exemplo.

No capítulo dez de Atos, lemos como Pedro entendeu que todos os que guardam a lei são aceitos pelo Senhor. Como devem lembrar-se, Pedro teve uma visão sobre este assunto, na qual viu "todos os animais quadrúpedes e répteis da terra, e aves do céu.

"E foi-lhe dirigida uma voz: Levanta-te, Pedro, mata e come." (V. 12-13.)

Como todos eles eram proibidos pela lei judaica, Pedro reagiu, dizendo: "De modo nenhum, Senhor, porque nunca comi coisa alguma comum e imunda." (V. 14.)

E como resposta, ouviu estas importantes palavras do Senhor:

"Não faças tu comum ao que Deus purificou." (V. 15.)

Não é de admirar que, mais adiante, Pedro diga: "Deus mostrou-me que a nenhum homem chame comum ou imundo." (V. 28.)

A partir desse momento, na igreja antiga, o evangelho começou a ser pregado não somente aos judeus, mas a todos os que recebessem o Salvador e guardassem os mandamentos do Evangelho de Jesus Cristo.

O mesmo é válido hoje na igreja restaurada do Senhor. Toda pessoa que Deus purificou pela fé, arrependimento e batismo, seguido do recebimento do dom

do Espírito Santo, é aceita pela Igreja. Essa pessoa considerada limpa pelo Senhor, é integrada e aceita pelos membros da mesma forma. Como o Senhor, os membros da Igreja também não fazem "acepção de pessoas" quanto aos irmãos que entraram pela porta.

Essa união, essa aceitação recíproca, é igualmente ressaltada por Alma como condição para se ingressar no reino de Deus pelo batismo.

"E agora, como desejais entrar no rebanho de Deus, e seu povo ser chamado, e estais dispostos a carregar mutuamente o peso de vossas cargas, para que sejam aliviadas; sim, e estais dispostos a chorar com os que choram; confortar os que necessitam de conforto e servir de testemunhas de Deus em qualquer tempo, em todas as coisas e em qualquer lugar... o que vos impede de ser batizados em nome do Senhor?" (Mosiah 18:8-9, 10.)

Outra prova da aceitação do membro novo é a norma da Igreja de conferir o Sacerdócio de Aarão aos conversos masculinos, de idade condizente, pouco depois do batismo, e o chamado de novos irmãos e irmãs para cargos que sejam capazes de preencher dentro da Igreja.

Sim, os membros mais antigos e criados na Igreja desempenham a importantíssima função de ajudá-los a encontrarem o caminho para o reino e nele ingressar. Um recém-converso, Alan John Nubeck, comenta a recente conversão de sua família e o papel dos membros mais antigos.

"Uma das coisas que mais ajudaram a ingressarmos em A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias foi uma reunião na quinta-feira à noite, antes de nosso batismo. Reunimo-nos com uma família que, em sua opinião, tinha muita

coisa em comum conosco. Conversamos sobre nosso iminente batismo, e nos explicaram algumas coisas sobre ele.

“Quando chegamos para batizar-nos, eles nos receberam à porta, dizendo que estariam presentes ao batismo. Foi-me bastante tranquilizador o fato de poder entrar nas águas do batismo vendo rostos amigos olhando para mim.

“Depois de estarmos na Igreja, ajudaram-nos nas reuniões, sentando-se conosco junto a outras famílias, transmitindo-nos um espírito maravilhoso. Ajudaram também a explicar-nos as várias doutrinas da Igreja e nos auxiliaram no estudo das escrituras. Procuravam-nos durante a semana e fins de semana, particularmente por ocasião da noite familiar, e nos ajudaram a programar uma noite familiar especial para a nossa família. Após a reunião de jejum e testemunho na capela, comparecíamos a uma reunião na casa deles, para a qual convidavam outros membros, a fim de que nos conhecessem. Mesmo agora, continuam nossos companheiros e ainda nos explicam coisas que não entendemos.

“Por causa dessa integração, eu sei que esta é a verdadeira Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias.”

Assim, aqui estão, encetando uma nova jornada como membros valiosos e benquistos de A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias. Diz o Senhor: “Estreita é a porta e apertado o caminho que leva à vida.” (Mateus 7:14.) Vocês entraram pela porta e estão no caminho que leva à vida.” (Mateus 7:14.) presença do Senhor.

Ele lhes concedeu o precioso dom do Espírito Santo, o qual resguardará seu testemunho e os conduzirá para toda verdade, caso sigam seus influxos. Ele

---

*Uma bênção prática do casamento no templo é que estarão ingressando num grupo muito exclusivo no mundo de hoje.*

---

lhes deu sua igreja e reino sobre a terra, para que possam ser instruídos mais perfeitamente nos caminhos do Senhor. Vocês contam com o auxílio e companheirismo dos líderes do sacerdócio e irmãos da Igreja, para poderem aprender e crescer juntos, ajudando-se mutuamente a agarrar-se “à barra de ferro” que conduz à vida eterna.

E, finalmente, ele os colocou num mundo repleto de inúmeros outros filhos seus. Filhos que “só estão afastados da verdade por não saberem onde encontrá-la”. (D&C 123:12.)

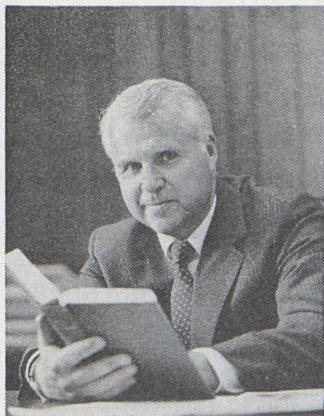
É o exemplo de vocês que lhes indicará o caminho. É o espírito que vocês irradiam que os fará reconhecer o bom e verdadeiro. É por meio de seus esforços que essas pessoas maravilhosas viverão a grandiosa experiência do Evangelho de Jesus Cristo. Como a cidade no alto do monte, a luz de vocês brilha intensamente.

E assim digo a vocês, os novos membros, nossas irmãs e irmãos, das mais diversas origens e formação, que seu barco chegou a um porto seguro e pacífico. E a vocês, os mais novos astros do firmamento, damos as boas-vindas.

Sejam bem-vindos no lar. ★

# PERGUNTAS & RESPOSTAS

*Perguntas de interesse geral sobre o evangelho, respondidas à guisa de orientação e não como pronunciamento oficial da Igreja.*



**Pergunta:**  
**Existem anjos guardiães e, se assim for, qual sua função?**  
**Resposta: Dean Jarmam, presidente da Estaca II da Universidade de Salt Lake.**

Esta pergunta sugere três questões secundárias, cuja solução responderá, até certo ponto, à questão principal: (1) Que espécie de seres são os anjos?; (2) Os anjos podem exercer função de guardiães em seu ministério?; e (3) Há um anjo guardião designado para cada pessoa?

Os anjos são personagens que assistem o Senhor na execução de sua obra. Joseph Smith ensina que todos os anjos que ministram aqui na terra, são seres que pertencem ou pertenceram a

ela. As escrituras implicam que há cinco categorias de pessoas, pelo menos, que funcionam como anjos. Há os espíritos que ainda não viveram na terra, como no caso do anjo que ensinou a Adão o princípio do sacrifício. (Veja Moisés 5:6-8.) Anjos são também os espíritos daqueles que viveram retamente na terra, morreram e estão aguardando a ressurreição. Estes são descritos como "homens justos aperfeiçoados". (D&C 129:3.) A visita de Gabriel a Zacarias e a Maria ilustra esta espécie de ser.

Seres transladados também exercem função de anjos, como no caso da aparição de Moisés e Elias no Monte da Transfiguração. (Veja Mateus 17:1-3.) O Apóstolo João foi transladado e tornou-se "um anjo ministrador; ele ministrará aos que são herdeiros da salvação e habitam a terra". (D&C 7:6.) Os seres ressurretos formam a quarta categoria de seres que servem como anjos. As aparições de Morôni e João Batista a Joseph Smith exemplificam esse tipo. E, por fim, homens santos que vivem na terra recebem, ocasionalmente, o título de anjos, ao atuarem como ministros de Deus. A visita de anjos a Ló, para avisá-lo da destruição de Sodoma e Gomorra, parece enquadrar-se nesta categoria. (Veja Gênesis 19.)

Uma vez cientes de que muitas categorias de seres atuam como anjos, podemos indagar se alguma de suas funções é de caráter protetor ou tutelar. As escrituras sugerem que os anjos protegem, advertem e fortalecem os mortais. Anjos avisaram a José que devia fugir para o Egito (veja Mateus 2:13); levaram alimento para Elias (veja I Reis 19:5-8); possibilitaram a Pedro escapar da prisão (veja Atos 12:17); guardaram Daniel dos leões (veja Daniel 6:22); protegeram Néfi de seus irmãos (veja 1 Néfi 3: 29-31); soltaram Abraão, quando estava para ser sacrificado. (Veja Abraão 1:15.)

O Élder John A. Widtsoe comenta que a vida de muitos desta dispensação tem sido abençoada pela ministração de anjos. Diz ele: "Indubitavelmente, muitas vezes anjos nos guardam de acidentes e danos, de tentações e pecados.

"Estes poderiam ser chamados de anjos guardiães. Muita gente tem prestado e presta testemunho do auxílio e proteção que receberam de fontes que se encontram além de sua visão natural." (G. Homer Durham, comp., *Evidences and Reconciliations*, pp. 402-3.)

Certas pessoas ensinam que membros justos da família, já falecidos, podem continuar influenciando a vida de seus entes queridos. Diz o Presidente Joseph F. Smith: "Nossos pais e mães, irmãos, irmãs e amigos que passaram por esta terra, tendo sido fiéis e dignos de gozar destes direitos e privilégios, podem receber a missão de visitar os seus parentes e amigos na terra, trazendo da presença divina, mensagens de amor, de advertência ou reprovação, e instrução àqueles que aprenderam a amar na carne." (*Doutrina do Evangelho*, p. 400.)

Aparentemente, esses indivíduos ou

grupos podem ser objeto do ministério de anjos, sem se darem conta de sua presença. Brigham Young ensinou certa vez: "Existem mais pessoas em minha frente, além daquelas que estão sentadas diante de mim, e as veríamos, se nossos olhos pudessem ver os seres celestiais que estão em nossa presença."

(*Discursos de Brigham Young*, p. 42.)

Os anjos realmente exercem função protetora ou tutelar. Sua presença pode ou não ser vista ou percebida. Entes amados falecidos podem também servir como anjos para consolar ou avisar.

Poderíamos agora perguntar se há um anjo guardião especificamente designado a cada pessoa. Nada nas escrituras sugere ser este o caso. Os escritos das autoridades gerais dizem igualmente que não. Declara o Élder John A. Widtsoe: "A crença comum de que a cada pessoa nascida neste mundo é designado um anjo guardião para acompanhá-la constantemente, não é corroborada por nenhum indício disponível... Na verdade, a presença constante do Espírito Santo parece tornar essa contínua companhia angélica desnecessária." (Durham, p. 403.)

O Élder Bruce R. McConkie diz que "supor que todos os homens, ou então todos os homens justos, tenham seres celestes agindo como seus guardiães, contraria os fatos básicos revelados referentes à maneira como o Senhor exerce sua benevolente vigilância sobre o homem mortal". (*Mormon Doctrine*, p. 341.)

Em suma, não existe evidência de haver um anjo guardião designado a cada pessoa: mas anjos têm servido como guardiães, ao advertirem, protegerem e fortalecerem aqueles a quem ministram na terra. ★

**Pergunta: As notas de rodapé do Livro de Mórmon mencionam datas cronológicas. Até que ponto elas são confiáveis? Existem algumas que necessitam de correção?**

**Resposta: Stan Larson, pesquisador de tradução de escritura, trabalha atualmente em Birmingham, Inglaterra, para o Departamento de Tradução da Igreja.**

Num sentido muito real, o Livro de Mórmon sempre teve sua própria cronologia. O texto contém três sistemas cronológicos diferentes: Os anos desde que Léhi partiu de Jerusalém, os anos dos juízes, e os anos desde o nascimento de Cristo. Do ponto de vista de hoje, convém converter todas as datas para A.C. e A.D. Isto foi feito pela primeira vez na edição do Livro de Mórmon de 1888. Nesta edição, as datas foram colocadas na margem, ao lado do respectivo versículo. A mencionada edição foi reimpressa em 1906, com alguma modificação de datas. Depois, a partir da edição de 1920, as datas cronológicas revistas foram colocadas no rodapé, assinalando uma data para cada página do texto (exceto Éter). A vantagem real desse sistema é que o leitor pode verificar imediatamente em que época se deram os acontecimentos, em lugar de encontrar datas inseridas só em certos pontos do texto.

O ano nefita parece ter início no mês que chamamos de abril. (3 Néfi 8:5.) Assim, havendo referência aos "princípios do ano décimo quarto" (3 Néfi 2:17), este ano começou em abril do ano 14 A.D., continuando até março de 15 A.D. O caso é idêntico nas datas correspondentes a A.C., visto que o

décimo ano do governo dos juízes começa em 82 A.C. (Alma 8:3), mas o décimo mês do mesmo ano cai em 81 A.C. (Alma 14:23.)

Outro fato que nos ajuda a entender as datas cronológicas é o sentido especial implícito na palavra *aproximadamente*; em geral, quer dizer qualquer época nos nove últimos meses do ano mencionado, até os primeiros três meses do ano seguinte. Assim, pois, a frase "aproximadamente 83 A.C.", não quer dizer alguns anos a mais ou a menos, mas indica que os acontecimentos narrados se deram no período de abril de 83 A.C. até março de 82 A.C.

Como regra geral, as datas indicam o período de tempo envolvido nos acontecimentos. Todavia, certos casos não seguem esse padrão e talvez necessitem de algum esclarecimento. Em 1 Néfi 9:2-5, fala-se de informação que aparentemente era desconhecida até por volta de 570 A.C. (2 Néfi 5:28-30), embora a data do rodapé diga "entre 600 e 592 A.C.". A matéria referente a Isaías, nos capítulos 12 a 24 de 2 Néfi, tendo como data "entre 559 e 545 A.C.", não indica quando Isaías escreveu aquelas coisas nem quando aconteceram, antes a época aproximada em que Néfi as transcreveu nas placas menores. O livro Palavras de Mórmon, está datado "aproximadamente 385 A.D.", embora os versículos 12 a 18 falem do reinado do Rei Benjamim, que terminou em 124 A.C. Os capítulos 8 e 9 de Morôni apresentam duas cartas de Mórmon a seu filho; as datas, porém, "entre 400 A.D. e 421 A.D.", indicam aproximadamente quando Morôni as transcreveu nas placas, uma vez que as ditas cartas devem ter sido escritas algum tempo antes da batalha no Monte Cumorah, em 385 A.D.

Escritura é a tradução inspirada do texto do Livro de Mórmon; o resto, como



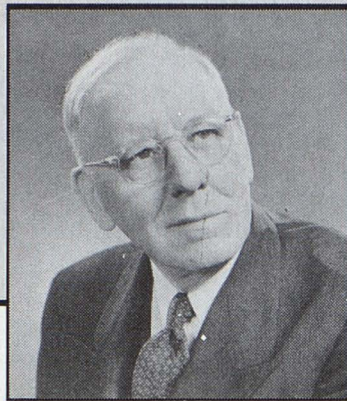
divisão em versículos, resumos dos capítulos, remissões recíprocas e datas cronológicas, são acréscimos destinados a auxiliar o leitor moderno. Essas datas no rodapé podem ser proveitosas, mas logicamente são exatas apenas na medida em que traduzem a informação contida no texto do livro.

Com as datas atuais, existem poucas dificuldades. Às vezes, são devidas a um erro de aritmética, como no caso de 2 Néfi 5:28, onde Néfi diz que "passaram-se trinta anos desde que havíamos deixado Jerusalém". Léhi e seus familiares saíram de Jerusalém em "600 A.C."; trinta anos depois seria 570 A.C. Entretanto, a data assinalada para 2 Néfi 5:28 é "569 A.C.", um erro aritmético de um ano. Outro exemplo é o de Amon, que partiu com seus homens em 121 A.C. (Mosiah 7:2-3), e a data atual diz que eles voltaram depois de salvarem Límhi e seu

povo um ano antes de haverem partido! (Mosiah 21:22.) Obviamente, a data do último acontecimento precisa ser corrigida em pelo menos um ano. Os eventos narrados em Mosiah 23:25 a 24:25 devem ser situados em 121 A.C., uma vez que as tropas que encontraram Alma foram as que estavam à procura de Amom e Límhi (Mosiah 22:15-16; 23:30, 35); e, baseado na informação de Alma 17:6, a data da partida dos filhos de Mosiah deveria ser mudada para 91 A.C. (Mosiah 28:9.) Também, como os acontecimentos narrados em Alma 36:1 a Alma 43:2 se deram no décimo oitavo ano dos juizes, deveriam ser situados em "aproximadamente 74 A.C.".

Todas as datas em nosso atual livro de Mórmon representam a cronologia estabelecida pelo Comitê do Livro de Mórmon responsável pela edição de 1920. ★

# HUMILDADADE



*Frank L. Craven*

**H**umildade é uma palavra que ouvimos muito, mas será que realmente entendemos o que é?

Acho que eu não entendia até certa manhã, anos atrás, quando vi a humildade em ação numa entrada de hotel. Encontrava-me sentado no saguão do Hotel Utah, na Cidade do Lago Salgado. Da minha poltrona, observava com grande interesse as pessoas entrando e saindo pela porta principal, com o saguão ficando cada vez mais movimentado. As pessoas iam e vinham, esbarrando umas nas outras na pressa e trocando olhares irritados, enquanto prosseguiam. Não pude deixar

de pensar quão pouco ligamos para o próximo, ao perseguirmos nossos próprios interesses.

A pessoa seguinte que chegou à porta do hotel forneceu um real contraste. O Élder George Q. Morris, do Quorum dos Doze, homem de oitenta e tantos anos, estendeu a mão e manteve a porta aberta por alguns minutos, enquanto outros passavam por ela, sem sequer um aceno de agradecimento. Quando não havia mais ninguém querendo passar, ele entrou no saguão. Tirou o chapéu da cabeça que quase lhe foi arrebatado da mão por uma jovem que, de tão apressada, nem



mesmo percebeu em quem havia esbarrado.

Fiquei observando o Élder Morris por uns seis ou sete minutos, pelo menos, enquanto procurava atravessar o saguão, sempre dando lugar aos outros, pedindo desculpas ou dizendo: "Por favor, o senhor primeiro." Diversas vezes tive de parar de vez, enquanto outros passavam por ele. Se havia pessoas em seu caminho, esperava pacientemente até que lhe dessem lugar ou seguissem adiante, sem perceberem que ele desejava passar.

Estou certo de que, naquele saguão, não havia ninguém mais ocupado ou

com a mente mais entretida que o Élder Morris. Venho pensando desde aí se não teria sido bem mais apropriado (se bem que menos fiel à vida) que todos abrissem caminho para um apóstolo do Senhor.

Algumas das genuínas marcas da humildade — gentileza, consideração pelo próximo e atenção para com seus interesses e necessidades — são freqüentemente esquecidas em nossa vida agitada. Desde que observei numa entrada de hotel a verdadeira humildade, venho apreciando cada vez mais esses pequenos atos de gentileza. ★

# GANHHA

*Keith Edwards*

**P**ortador de deficiência física e dificuldade de aprendizagem, aos quinze anos Billie vivia praticamente esquecido pelo nosso quorum. Não fora necessário batizá-lo. Ele freqüentava uma escola especial. Sendo deficiente físico, o escotismo não parecia apropriado para ele. Então foi chamado um novo consultor para o quorum dos mestres. “Se o Billie consta da lista de chamada, então deve ser incluído pelo menos nas atividades.” O Irmão Wilson encarregou-se do primeiro contato, e a reação foi espantosa. Certamente que Billie iria. “Ninguém chegou sequer a pensar em convidá-lo”, explicou a mãe, justificando-o.

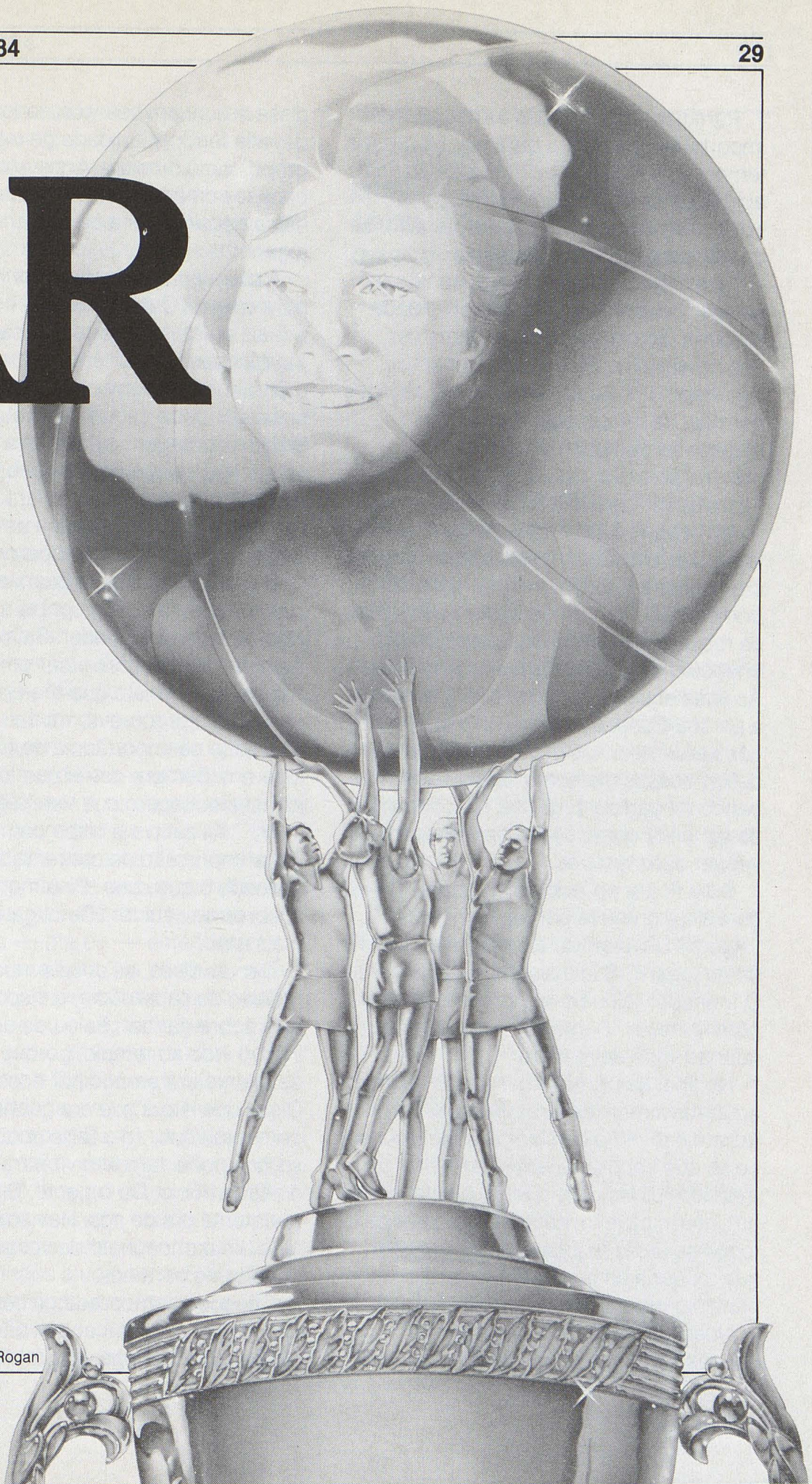
Naqueles meses de primavera e verão, Billie não faltou a nenhuma atividade da A.M.M. e nós começamos a familiarizar-nos com ele. Ele, então, sentia-se aceito pelo grupo. Alguns dos rapazes não o compreendiam e criticavam seus modos desajeitados, mas Billie considerava-se

querido e sabia que nosso consultor o amava.

Ao completar dezesseis anos, Billie voltou a ser esquecido, mas somente até que mais alguns de nós fizemos dezesseis anos e nos tornamos sacerdotes. Lembrando-nos de Billie, começamos a levá-lo para nossas atividades do quorum: novamente em nossa companhia, Billie voltou a sentir-se mais à vontade ainda.

Chegou a temporada de vólibol. Nós éramos a melhor equipe da estaca. Há dois anos vínhamos quase ganhando o campeonato da estaca, e era neste que a vitória seria nossa. Contávamos com alguns “veteranos”, tínhamos altura e possuíamos talento. E até um mascote — Billie. Chegamos mesmo a deixar Billie jogar. O simples fato de acertar na bola era um feito e tanto para ele, mas todos o aplaudiam e incentivavam, e com isso Billie achava realmente que estava contribuindo com alguma coisa.

# FIAR



Ilustrado por Michael Rogan

Participar das partidas tornou-se mais importante que nunca para ele. Durante a temporada, Billie talvez custasse ao time alguns pontos ou mesmo um jogo ou outro, mas ele jogava, e todos sentiam-se contentes com nosso sacrifício.

Finalmente chegou o campeonato da estaca. Continuava a mesma rivalidade dos dois últimos anos. Mas, desta vez, nós haveríamos de ganhar. Tínhamos derrotado a outra equipe durante os jogos normais da temporada, e faríamos o mesmo no campeonato. Como precaução extra, talvez, alguém se “esqueceu” de avisar o Billie da partida.

No sábado à tarde, alguns de nossos jogadores mostravam-se excessivamente confiantes e foram tomar refrigerante. A primeira partida começou sem eles, mas os reservas jogaram muito bem. Então chegou o bispo em companhia do Billie. As duas equipes estavam bem treinadas, a partida transcorreu equilibrada, mas nós perdemos. Assim, não podíamos deixar nossos melhores jogadores no banco na partida seguinte, pois tínhamos de ganhá-la como última oportunidade de vencer duas em três.

Billie ficara ao lado do treinador durante a primeira partida inteira. “Agora? Devo entrar agora? Está na hora de eu jogar?” Sua insistência era irritante. O treinador falou bondosamente, mas com firmeza: “Sente-se, Billie; eu aviso quando você deve entrar.”

No final da primeira partida, Billie não agüentava mais esperar. Pontos não faziam o mínimo sentido para ele. A única coisa que importava era jogar. O treinador olhou para o Billie, hesitando por um interminável minuto. Sempre deixara todos os rapazes jogarem. Seria agora que mudaria as normas? Não era o princípio mais importante que o jogo?

Nosso grupo era fora do comum. Poucas semanas antes, o treinador nos

dissera que, em sua vida, todo técnico deveria ter oportunidade de treinar um grupo como o nosso. Achava que éramos capazes de entender princípios. Não havia escolha; tinha de deixar o Billie jogar.

A outra equipe sacou — diretamente para o Billie. Outro saque — para o Billie; e mais outro. Não sacavam para outro jogador senão o Billie. O treinador do time contrário pediu tempo; conversou com o sacador. Outro saque — direto para o Billie. A contagem estava 11 a 0; nenhum saque fora devolvido. Finalmente, um saque bateu na rede, mas era tarde demais. A partida terminou em 15 a 6. Era o nosso ano de ganhar e perdemos.

O outro time saiu da quadra de cabeça baixa. Nós lutávamos contra as lágrimas. Não dava para entender. Saímos, e o treinador tentou conversar conosco. “Achei que sabia o que era certo.” Até mesmo ele procurava manter a calma. “Acredito na importância de todos jogarem. Sempre deixei que todos jogassem. Espero que esteja agindo certo.” Ali estava o bispo com o Billie. Dava impressão de querer falar, mas não sabendo o que dizer. Finalmente, Billie quebrou o silêncio: “Bem, ganhamos mais um!”

Depois disso, as coisas mudaram. Na reunião do sacerdócio, o bispo deu uma aula sobre ganhar. Falou de um pai inativo indo ao templo, porque seu filho deficiente era amado por nosso quorum. Disse que isto é que era ganhar. Alguém comentou que, se o Billie podia jogar vólibol, podia também vir para a reunião do sacerdócio. De repente, Billie era realmente um de nós. Havíamos investido nele um campeonato de vólibol e ele era importante para nós.

Chegou a temporada de basquete. Todos agora já conheciam o Billie. Todos sabiam que iria jogar. Os árbitros sabiam

o que fazer, quando ele tentava sair batendo a bola pela quadra. Os times faziam certas concessões à sua falta de jeito. Ele realmente fazia parte da coisa.

Chegou novamente o campeonato da estaca. Tivemos sucesso nas partidas contra os outros times, e a final seria outra vez contra a mesma equipe que havíamos enfrentado no vólibol.

Bem, perto do final do primeiro tempo, tudo começou a dar errado para nós. O treinador via o que estava acontecendo, e lá pelas tantas, era óbvio que nada mais daria certo para nós naquela noite.

Enquanto procurávamos alguma forma de nos desferrarmos dos rapazes que nos derrotaram no vólibol, algo extraordinário acontecia na quadra de basquete.

Billie estava jogando. Na verdade, não conseguia lançar a bola. Com um braço e mão atrofiados, não tinha como dar direção à bola. Mas, toda vez que pegava a bola, o treinador da outra equipe mandava alguém cometer falta contra o Billie. Aquilo me deixou realmente zangado. Até mesmo os espectadores não conseguiam acreditar no que viam. Por que nosso bispo sorria? Então, um dos jogadores contrários deu um tapinha bem leve no Billie. Um dos árbitros apitou, e então todos — até eu — entenderam. Billie ia cobrar a falta. Na verdade, deram-lhe dois lances livres (falta intencional) e quando ele errou o segundo, um dos rapazes do outro time estava com o pé além da linha, e Billie teve direito a novo lance, na verdade a diversos mais.

A multidão aplaudia e incentivava o Billie; nós também estávamos torcendo, assim como o time contrário. Seria isto perder? Todos estavam cooperando. Ninguém parecia estar ligando para a contagem; todos ajudavam o Billie. As duas equipes ajudavam, torciam e apoiavam o Billie.

O Billie fez muitos lances livres naquela

---

*Era o ano de nosso time ganhar. Então, como podia o técnico fazer o Billie jogar, quando estávamos perdendo?*

---

noite. Todos aplaudíamos; rimos um pouco; e o Billie voltou para casa como o astro da noite. Quem ganhou? Eles ganharam, nós ganhamos, a estaca também ganhou.

Descobrimos que, quando nos esquecemos um pouco de nós mesmos e nossos objetivos egocêntricos, pontos não contam tanto como a pessoa; e descobrimos que todos nos importamos com as mesmas coisas. Os rapazes do outro time não são tão maus assim. Os árbitros são realmente humanos. E perder uma partida não é o fim do mundo, não quando se está ganhando.

Naquele ano, continuamos jogando na Olimpíada dos Escoteiros. Participamos de jogos de vólibol e basquete, ganhamos alguns, perdemos outros. Mas nosso investimento no Billie era uma coisa real e ensinamos a alguns outros times — ou melhor, Billie ensinou — que ganhar só é importante, quando desenvolve nossa estatura ou, como diz o nosso bispo, “quando desenvolvemos o caráter”. E suponho que foi isso que aprendemos com o caráter do Billie.

Nosso bispo diz que o Billie está aqui para nos ensinar. E todos ficamos a observá-lo um pouco melhor, para ver que outras lições podemos aprender dele. ★

# DEUS

— AMOU O —

# MUNDO

— DE TAL MANEIRA —

*Presidente  
Spencer W. Kimball*

**A**ntes de tornar-me presidente da Igreja, fui designado, como membro do Quorum dos Doze Apóstolos, a visitar alguns países da América do Sul para várias reuniões com os santos. Fomos muito bem recebidos por esses países, suas autoridades e imprensa.

Interessou-me um comentário feito pela representante de um dos mais importantes jornais do Brasil, e que, no dia anterior, um domingo, ouvira um sermão meu, no qual me pronunciei vigorosamente a respeito da restauração do evangelho. Ela perguntou-me por que Cristo fora crucificado, ao que respondi:

— Porque ele disse: “Sou o Filho de Deus.”

Sua reação me chocou: — “Ele não deveria ter dito isso, não é? Ele não o era, de fato?”

Pensei que estivesse brincando.

Fitando-a nos olhos por um instante, achei que acabaria sorrindo. Mas não sorriu. Então eu disse com firmeza: — Ele disse *ser* o Filho de Deus, porque *era* o Filho de Deus.

Posteriormente, li um artigo na edição pascal de um jornal de uma das maiores cidades da América do Sul. Seu autor era um clérigo, com seu nome acompanhado de uma porção de títulos acadêmicos. Li o artigo inteiro, não encontrando uma única menção ao Senhor dos céus e da terra, o Redentor e Salvador. Só falava em “Jesus”. Citou duas ou três escrituras que diziam ser Jesus de Nazaré mais que

---

*“Então (Simeão) o tomou em seus braços, e louvou a Deus, e disse: Agora, Senhor, despede em paz o teu servo... pois já meus olhos viram a tua salvação.”  
(Lucas 2:28-30.) Pintura de J. J. Tissot.*

---



o filho de um carpinteiro, porém nem uma só vez em seu artigo deu outro título ao Cristo que derramou seu precioso sangue por ele.

Durante a mesma viagem, perguntei a quatrocentos missionários congregados numa reunião: “O que pensais de Cristo e do que dele se diz?” E ouvi quatrocentos testemunhos inspiradores daqueles jovens — testemunhos firmes, transbordantes de convicção.

Lembrei-me de que Paulo disse: “E eu, irmãos, quando fui ter convosco, anunciando-vos o testemunho de Deus, não fui com sublimidade de palavras ou de sabedoria.

“Porque nada me propus saber entre vós, senão a Jesus Cristo, e este crucificado.” (I Coríntios 2:1-2.)

Não vejo como poderíamos comemorar a Páscoa sem falar do Senhor Jesus Cristo. Pois até mesmo os demônios sabem que Jesus é o Cristo. Certa ocasião, demônios clamaram: “Tu és o Cristo, o Filho de Deus. E ele, repreendendo-os, não os deixava falar, pois sabiam que ele era o Cristo.” (Lucas 4:41.) Noutra, “o espírito maligno disse: Conheço a Jesus, e bem sei quem é Paulo; mas vós, quem sois?” (Atos 19:15.) E noutra ainda, “clamaram dizendo: Que temos nós contigo, Jesus, Filho de Deus? Vieste aqui atormentar-nos antes do tempo?” (Mateus 8:29.)

Creio que havia bastante certeza no coração de Pôncio Pilatos, quando foi constrangido pela consciência a inocentar o Salvador; mas, por ambição política e outras razões, e apesar dos rogos de sua mulher, ele entregou o Salvador para ser crucificado. Mesmo depois disso, escreveu na cruz em três idiomas — hebraico, grego e latim — as famosas palavras: “Jesus de Nazaré, Rei

dos Judeus.” Os judeus, ressentidos, reclamaram, dizendo:

“Não escrevas Rei dos Judeus; mas que ele disse: Sou Rei dos Judeus.

“Respondeu Pilatos: O que escrevi, escrevi.” (Veja João 19:19-22.)

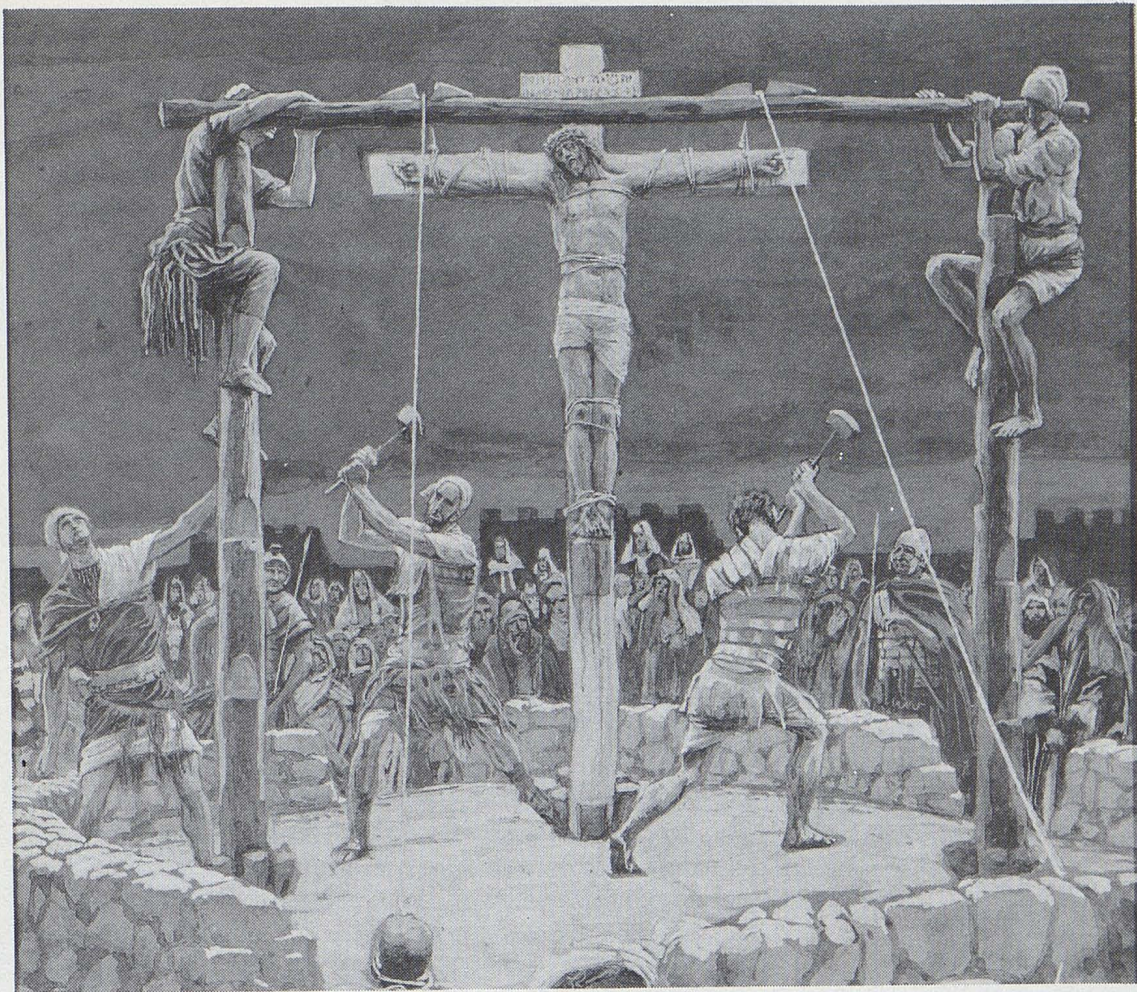
Lestes de Natanael, o homem no qual não havia dolo, que exclamou ao ver Cristo:

“Rabi, tu és o Filho de Deus, tu és o Rei d’Israel.” (João 1:49.)

Paulo mal acabara de passar por sua metamorfose e recobrar a visão depois de sua experiência assombrosa, quando, dirigindo-se à sinagoga, pregou a respeito de Cristo, “que este *era* o Filho de Deus”.

Por que, então, clérigos evitam deliberadamente os nomes da Deidade, a quem preferem chamar somente de Jesus? Existem dezenas de milhares de Jesus no mundo. Em todos os países de idioma espanhol, encontramos-os por toda a parte. Embora o pronunciem Hê-sús, é Jesus. Todavia, houve um único Jesus que se tornou o Príncipe da Luz, o Autor de nossa salvação.

Disse Joseph Smith: “Eu tinha realmente visto uma luz, e no meio da luz vi dois Personagens, e eles em realidade falaram comigo; e ainda que perseguido e odiado por dizer que eu tivera uma visão, entretanto era a verdade; e enquanto me perseguiam, injuriando-me e dizendo toda espécie de falsidades contra mim, devido às minhas afirmações, fui induzido a dizer em meu coração. Por que me perseguem por dizer a verdade? Tive realmente uma visão; e quem sou eu para opor-me a Deus? Ou, por que pensa o mundo fazer-me negar o que realmente vi? Porque havia visto uma visão; eu o sabia, e compreendia que Deus o sabia, e não podia negá-lo, nem ousaria fazê-lo; pelo menos eu sabia que, procedendo assim,



ofenderia a Deus, e estaria sujeito à condenação." (Joseph Smith 2:25.)

Certamente vos lembrais do que disse Pedro, quando Jesus indagou aos discípulos: "Quem dizem os homens ser o Filho do homem?" E alguns responderam, dizendo acharem ser Elias ou um dos outros profetas; então o Senhor tornou a perguntar e posso imaginar seus olhos penetrantes e incisivos: "E vós, quem dizeis que eu sou?" E a resposta foi a mais emocionante e gloriosa das declarações já feitas: "Tu és o Cristo, o Filho do Deus vivo." E a afirmação que segue jamais deve ser esquecida: "Não to revelou a carne e o sangue, mas meu Pai, que está nos céus." (Ver Mateus 16:13-17.) Em outras

---

*"E era a hora terceira, e o crucificaram." (Marcos 15:25.) Pintura de J. J. Tissot.*

---

palavras, não o soubeste pelo homem, mas meu Pai o revelou a ti; recebeste uma grande revelação, e tu o sabes.

Fiz a quatrocentos missionários a pergunta do Senhor que todo homem, mulher e criança desta terra têm de enfrentar: "Quem dizeis que eu, o Filho do homem, sou?" E senti-me gratificado com as centenas de respostas, dizendo: "Tu és o Cristo, o Filho do Deus vivo."

E este é o meu testemunho para vós, que Jesus é realmente o Cristo, o Filho vivo do Deus vivo. ★

## HOJE ANDEI POR ONDE

# ANDOU JESUS

*Presidente Harold B. Lee*

*O Presidente Lee era primeiro conselheiro na Primeira Presidência, quando escreveu este artigo em 1972, recordando sua visita à Terra Santa. Ele serviu como presidente da Igreja de julho de 1972, até sua morte, em dezembro de 1973.*

**D**urante três gloriosos dias, pisamos chão sagrado, sentindo a influência da maior pessoa que já viveu nesta terra, Jesus, o Cristo, o próprio Filho do Deus vivo.

Ao nos aproximarmos da Terra Santa, lemos juntos os quatro evangelhos; e depois, toda vez que deixávamos nossos quartos, orávamos ao Senhor que fechasse nossos ouvidos ao que o guia falava sobre os locais históricos e nos tornasse intensamente sensíveis ao influxo do Espírito, para sabermos, mais por intuição que por informação, onde estavam os locais sagrados.

Acho que ali na Terra Santa, comecei a realmente apreciar, pela primeira vez, o

encantador e sagrado refrão: "Hoje andei por onde andou Jesus."

Ao percorrermos em carro alugado e acompanhados de um guia competente, os aproximadamente nove quilômetros que separam a cidade murada de Jerusalém da aldeia de Belém, aninhada nas colinas da Judéia, imaginamos ouvir mais uma vez os acordes deste querido hino de Natal:

*"Pequena vila de Belém, repousa em teu dormir,  
Enquanto os astros, lá no céu, estão a refulgir!  
Porém, nas tuas trevas resplende eterna luz,  
Incomparável, divina, Nasceu o bom Jesus!"*

*O sepulcro no horto. (Foto de Eldon K. Linschoten.)*



(*Hinos*, nº 119.)

Para trás, à nossa esquerda, estava o campo dos pastores. Contemplando as encostas da colina onde ainda pastavam ovelhas como há quase dois mil anos, pudemos entender melhor o significado da história dos pastores.

“Ora, havia naquela mesma comarca pastores que estavam no campo, e guardavam durante as vigílias da noite o seu rebanho.

“E eis que o anjo do Senhor veio sobre eles, e a glória do Senhor os cercou de resplendor, e tiveram grande temor.

“E o anjo lhes disse: Não temais, porque eis aqui vos trago novas de grande alegria, que serão para todo o povo.

“Pois, na cidade de Davi, vos nasceu hoje o Salvador, que é Cristo, o Senhor.” (Lucas 2:8-11.)

Imaginamos estar, com os pastores, na entrada da gruta escavada na rocha, que agora fica no subsolo da Igreja da Natividade. Naquele local, pareceu-nos pairar uma confirmação espiritual de que era realmente um sítio sagrado. Abaixo, na parte inferior, está a caverna escavada na rocha, que pareceu indicar para nós um local sagrado.

Além de Jericó, a cidade das palmeiras, sentiríamos novamente um espírito maravilhoso nas margens do Rio Jordão, onde o destemido João Batista batizou o Filho do Homem. Este sagrado incidente ocorrido ali, está registrado com simplicidade:

“E, sendo Jesus batizado, saiu logo da água e eis que se lhe abriram os céus, e viu o Espírito de Deus descendo como pomba e vindo sobre ele.

“E eis que uma voz dos céus dizia: Este é o meu Filho amado, em quem me

comprazo.” (Mateus 3:16-17.)

Seguimos por uns cinco quilômetros a estrada que leva da cidade de Jerusalém à herdade de Marta, Maria e Lázaro, onde o Mestre sentia-se mais à vontade com os amigos do que dentro dos muros de Jerusalém, entre os judeus presunçosos. A pouca distância da casa de Marta e Maria, fica na rocha o sepulcro de Lázaro. Postados na sua entrada, recordamos a dramática declaração do Salvador a Marta sobre sua grandiosa missão pouco antes de fazer Lázaro voltar à vida:

“Eu sou a ressurreição e a vida; quem crê em mim, ainda que esteja morto, viverá.

“E todo aquele que vive, e crê em mim, nunca morrerá.”

Imaginamos estar ouvindo o fervoroso testemunho de Marta: “Sim, Senhor, creio que tu és o Cristo, o Filho de Deus, que havia de vir ao mundo.” (João 11:25-27.)

Com os olhos da mente, pareceu-nos testemunhar o milagre da ressurreição de Lázaro, quando o Senhor, olhando para dentro do sepulcro onde jazia há vários dias o corpo de Lázaro envolto em panos, ordenou com voz imperiosa: “Lázaro, sai para fora.” (João 11:43.) O poder desse Homem de Deus sobre a morte se confirmara.

Foi nesse ponto elevado que aconteceu sua ascensão, e os dois seres vestidos de branco que o acompanhavam, disseram à multidão que observava sua subida entre as nuvens: “Varões galileus, por que estais olhando para o céu? Esse Jesus, que dentre vós foi recebido em cima no céu, há de vir assim como para o céu o vistes ir.” (Atos 1:11.)



O Monte das Oliveiras. (Foto de Lynn M. Hilton.)

Pisamos o solo sagrado nesses lugares e outra vez no Getsêmani. No jardim do Getsêmani, um dos lugares mais profundamente espirituais, erguem-se oito oliveiras retorcidas e muito antigas. Foi ali que Cristo se ajoelhou, bem perto de onde estávamos. Imaginamos novamente ouvir as angustiadas palavras de seu intenso sofrimento, que ele descreveu numa grandiosa revelação:

“Sofrimento que me fez, mesmo sendo Deus, o mais grandioso de todos, tremer de dor e sangrar por todos os poros, sofrer, tanto corporal como espiritualmente — desejar não ter de beber a amarga taça e recuar.” (D&C 19:18.)

E então orou: “Meu Pai, se é possível,

passa de mim este cálice; todavia, não seja como eu quero, mas como tu queres.” (Mateus 26:39.)

Estava chegando ao fim o tempo de nossa visita a Jerusalém. Havíamos seguido o guia pela tradicional sala do julgamento, onde o Mestre foi açoitado e sentenciado à morte por um tribunal que zombou da justiça. Percorremos o suposto trajeto até o local da crucificação e do santo sepulcro. Mas tudo isso, sentimos, não correspondia aos lugares certos. Não sentimos nenhum sinal da confirmação espiritual que sentíamos em outros lugares, pois não disse Paulo, falando da crucificação: “Por isto também Jesus, para santificar o povo pelo seu próprio sangue, padeceu *fora da*

*porta*''? (Hebreus 13:12; grifo nosso.)

Em outras palavras, ele sofreu até a morte sobre a cruz pelos pecados da humanidade, não dentro das portas de Jerusalém, mas fora delas; mesmo assim, os guias procuravam convencer-nos de que a crucificação se deu dentro dos muros da cidade. E também, o que estávamos vendo ali não concordava com o que descreveu João sobre o local da crucificação e sepultamento, pois ele diz:

“E havia um horto naquele lugar onde fora crucificado, e no horto um sepulcro novo, em que ainda ninguém havia sido posto.

“Ali pois (por causa da preparação dos judeus e por estar perto aquele sepulcro) puseram a Jesus.” (João 19:41-42.)

Faltava-nos ainda visitar outro lugar, o horto do sepulcro, que atualmente pertence à Igreja dos Irmãos Unidos. A guia pareceu estar-nos levando para um lugar de pouca importância, e enquanto nos conduzia pelo horto com seu filho pequeno, vimos uma colina fora dos muros da cidade, perto do local do julgamento, que ficava dentro deles. O horto situava-se bem perto, e o sepulcro fora escavado numa rocha viva, evidentemente feito por alguém que podia pagar o preço de um trabalho habilidoso.

Alguma coisa pareceu-nos dizer, enquanto estávamos ali, que esse era o lugar mais sagrado de todos, e imaginamos estar testemunhando o drama que ali se desenrolou. A entrada desse sepulcro pode ser fechada por uma pedra redonda, e ainda existe a calha na qual a pedra rolava para fechar a entrada. A pedra em si foi retirada, mas a calha ainda é visível. Maria, ao olhar para dentro do sepulcro, viu que Jesus não

mais se encontrava ali e se pôs a chorar amargamente:

“E Maria estava chorando fora, junto ao sepulcro. Estando ela, pois, chorando, abaixou-se para o sepulcro; “E viu dois anjos vestidos de branco, assentados onde jazera o corpo de Jesus, um à cabeceira e outro aos pés.

“E disseram-lhe eles: Mulher, por que choras? Ela lhes disse: Porque levaram o meu Senhor, e não sei onde o puseram.

“E, tendo dito isto, voltou-se para trás, e viu Jesus em pé, mas não sabia que era Jesus.

“Disse-lhe Jesus: Não me detenhas, porque ainda não subi para meu Pai, mas vai para meus irmãos e dize-lhes que eu subo para meu Pai e vosso Pai, meu Deus e vosso Deus.” (João 20:11-14, 17.)

Naquela noite, da varanda do nosso quarto de hotel, vimos o Monte Sião recortado contra o firmamento, e ali estava a torre do Rei Davi marcando, assim nos disseram, o lugar onde se deu, supostamente, a Última Ceia, pouco antes de o Salvador descer para o Ribeiro de Cedrom e sua traição, julgamento e morte. Ali, no Monte Sião ou na Nova Jerusalém da América (nossos estudiosos das escrituras não chegam a uma conclusão qual delas será), terá início o maior espetáculo de toda a história do mundo, anunciando a segunda vinda do Senhor. O próprio Mestre descreveu esse momentoso acontecimento:

“... o Cordeiro estará de pé sobre o Monte Sião, e com ele cento e quarenta e quatro mil, tendo o nome do Pai escrito na testa.

“E será uma voz como a voz de muitas águas e como a de um forte trovão, que abaterá as montanhas e não se acharão os vales.” (D&C 133:18, 22.)



*O Jardim do Getsêmani. (Foto de Gerald Silver — Expedição de Lynn Hilton, 1976.)*

“E então o Senhor assentará o seu pé sobre este monte, e o mesmo se rachará em dois, e a terra tremerá, e vacilará de um lado para outro, e os céus também estremecerão.

“E o Senhor fará soar a sua voz, e todos os confins da terra ouvi-la-ão; e as nações da terra prantearão, e os que houverem rido verão a sua imprudência.

“E então os judeus olharão para mim e dirão: O que são essas feridas em tuas mãos e em teus pés?

“Então saberão que eu sou o Senhor; pois lhes direi: Estas feridas são as que me fizeram na casa de meus amigos. Eu sou aquele que foi exaltado. Eu sou Jesus que foi crucificado. Sou o Filho de Deus.” (D&C 45:48-49, 51-52.)

Na manhã seguinte, ao seguirmos pela Estrada de Jafa, ladeando as encostas rochosas, para Tel-Aviv e o nosso aeroporto, contemplamos a obra dos judeus que estão voltando para fazer o deserto “(florescer) como a rosa”, conforme predisseram os profetas.

Saí dessas experiências, sentindo-me totalmente diferente quanto à missão de nosso Senhor e Salvador. Sentia-me imbuído, como nunca antes, do que significa ser uma testemunha especial. Digo, com toda convicção de minh'alma, que eu sei que Jesus vive. Sei que é realmente o Filho de Deus. E sei que nesta igreja e no Evangelho de Jesus Cristo se encontra o caminho para a salvação. ★

